

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA BAIXADA FLUMINENSE

**A RELAÇÃO ENTRE A EDUCAÇÃO AMBIENTAL FORMAL
E NÃO - FORMAL: UM ESTUDO DE CASO DO PARQUE
NATURAL MUNICIPAL DA TAQUARA E AS ESCOLAS DO
ENTORNO**

VIVIANE APARECIDA SILVA

Duque de Caxias

2007

VIVIANE APARECIDA SILVA

**A RELAÇÃO ENTRE A EDUCAÇÃO AMBIENTAL FORMAL E NÃO -
FORMAL: UM ESTUDO DE CASO DO PARQUE NATURAL
MUNICIPAL DA TAQUARA E AS ESCOLAS DO ENTORNO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Geografia com Ênfase em Meio Ambiente.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Simone Fadel

Duque de Caxias

2007

VIVIANE APARECIDA SILVA

A RELAÇÃO ENTRE A EDUCAÇÃO AMBIENTAL FORMAL E NÃO - FORMAL: UM
ESTUDO DE CASO DO PARQUE NATURAL MUNICIPAL DA TAQUARA E AS
ESCOLAS DO ENTORNO

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Geografia com Ênfase em Meio Ambiente.

Data de aprovação: ____/ ____/ ____

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Simone Fadel
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Patrícia Domingos
Universidade do Grande Rio

A meus amados pais e marido:
Pedro, Geralda e João Luiz.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, prof^a. Simone Fadel pela dedicação e responsabilidade com que me orientou e pelas palavras de incentivo. Cada observação sua foi um aprendizado

Às professoras Neuza Sales e Lilia Seabra das quais guardarei boas lembranças e ensinamentos e em especial ao prof.^o Álvaro Ferreira que mesmo em meio às dificuldades do curso não se furtou de seu compromisso enquanto profissional comprometido com sua tarefa de educar dando seu melhor e exigindo o melhor. E com quem aprendi a *olhar com olhos de ver*.

A meus colegas de turma, na companhia dos quais construí meu saber.

À minha amiga Ana Paula Carollo com quem pude compartilhar risos e angústias.

Ao meu marido João pela força nesses quatro anos e por entender minha falta em alguns momentos da nossa vida cotidiana.

RESUMO

Este trabalho busca contribuir para a compreensão do modo como se dá a relação entre a Educação Ambiental Formal das escolas e a Educação Ambiental Não Formal das Unidades de Conservação.

Para tanto, realizou-se um estudo de caso do Projeto Guarda Florestal Mirim desenvolvido no *Parque Natural Municipal da Taquara* com estudantes de escolas públicas do entorno desta Unidade de Conservação situada no município de Duque de Caxias. Utilizou-se como instrumentos de coleta de dados a observação direta no Parque; entrevistas com a equipe do Projeto, com alunos que dele participaram e com a equipe técnica das escolas; análise documental e revisão bibliográfica.

Palavras-Chave: Educação Ambiental, Unidade de Conservação, Parque Natural Municipal da Taquara, Projeto Guarda Florestal Mirim.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE EDUCAÇÃO AMBIENTAL.	
Introdução	17
1.1 Trajetória da Educação Ambiental.....	19
1.2 Educação Ambiental no Brasil	22
1.3 Concepções de Educação Ambiental.....	23
1.3.1 Educação Ambiental Crítica.....	24
1.3.2 Educação Ambiental Transformadora.....	26
1.3.3 Educação no processo de gestão Ambiental.....	28
2 O PARQUE NATURAL MUNICIPAL DA TAQUARA E SEU LUGAR NO SISTEMA NACIONAL DAS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO.....	31
3 A TRILHA A PERCORRER: OBJETIVOS, METODOLOGIA E OS SUJEITOS DA PESQUISA	36
3.1 Objetivo Geral	36
3.2 Objetivos Específicos.....	36
3.3 Metodologia.....	36
3.3.1 Análise documental	38
3.3.2 As entrevistas.....	39
4 O CONHECIMENTO SOBRE A TRILHA ESCOLHIDA: A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O PARQUE NATURAL MUNICIPAL DA TAQUARA	41
4.1 O Projeto Guarda Florestal Mirim.....	42
4.1.2 A equipe do Projeto	44
4.1.3 As escolas no Projeto.....	45
4.1.4 Os alunos do Projeto.....	46
4.1.5 A dinâmica do Projeto	46
5 A TRILHA PERCORRIDA: A COLETA E ANÁLISE DOS DADOS.....	48
Introdução	48
5.1 Entrevista com os alunos.....	52
5.1.2 O guarda Florestal Mirim para os alunos	52
5.1.3 Os alunos e seu entendimento de Unidades de Conservação	55
5.2 Entrevista com os professores.....	57

5.2.1 O entendimento sobre o Projeto	57
5.2.2 Repercussão do Projeto	58
5.2.3 Educação Ambiental para os professores	58
5.3 Entrevista com a equipe das escolas	59
5.3.1 A relação da escola com o projeto.....	59
5.3.2 Reflexos do Guarda Florestal Mirim na escola	61
5.3.3 A relação escola-Parque Natural Municipal da Taquara	61
5.4 Educação Ambiental nas escolas	62
5.4.1 O espaço da Educação Ambiental nas escolas	62
5.4.2 A formação docente em Educação Ambiental	63
5.4.3 Reflexos da Educação Ambiental das escolas.....	64
5.5 Entrevista com a equipe do Projeto Guarda Florestal Mirim	64
5.5.1 O espaço da EA na gestão do Parque	64
5.5.2 Expectativas com o Guarda Florestal Mirim.....	66
5.5.3 A avaliação do Projeto pela equipe	66
5.5.4 Entendimento de meio ambiente e natureza	67
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS	70
ANEXOS	73
ANEXO A - Mapa com a divisão distrital do Município de Duque de Caxias	73
ANEXO B - Fotos do Parque Natural Municipal da Taquara.....	74
ANEXO C - Fotos que indicam o convênio firmado entre a Prefeitura de Duque de Caxias, a Petrobrás e a Ong IQUAVI	75
ANEXO D - Fotos ilustrativas das atividades do Projeto Guarda Florestal Mirim	76
ANEXO E - Roteiros das Entrevistas Semi-estruturadas.....	77

INTRODUÇÃO

A escolha desse objeto teve sua gênese numa pesquisa da qual participei como bolsista voluntária do Núcleo de Educação Continuada¹ da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. Ela consistiu na elaboração de um levantamento das Unidades de Conservação da Baixada Fluminense² e, juntamente com colegas do grupo do qual integrei, dediquei-me a obter informações sobre o Parque Natural Municipal da Taquara (PNMT), situado no Município de Duque de Caxias. Foi nessa ocasião, que consegui as primeiras informações quanto às características do Projeto desenvolvido nesta Unidade de Conservação (UC) com alunos provenientes das escolas da rede pública municipal de seu entorno: o Projeto Guarda Florestal Mirim.

Ser professora do ensino fundamental numa escola do entorno do Parque integrante do Projeto e cursar licenciatura em Geografia com Ênfase em Meio Ambiente confluíram para que, juntamente com o levantamento exposto anteriormente, esse objeto fosse definitivamente delimitado.

Assim sendo, o Guarda Florestal Mirim aparece como o foco privilegiado de minha análise. Ao propor investigar seus limites e suas possibilidades, objetivo contribuir para a compreensão dos fatores constituintes da relação entre a Educação Ambiental Não Formal, realizadas e/ propostas nas Unidades de Conservação, quando relacionadas à Educação Ambiental Formal das escolas.

Este trabalho está organizado em seis capítulos. Embora formem partes distintas, todo o esforço de sistematizar as diversas proposições encontradas no campo teórico que estrutura hoje a reflexão entorno da Educação Ambiental (EA) e as políticas públicas que norteiam as proposições sobre as diferentes Unidades de Conservação necessitam ser vistas como um esforço no sentido de compreender a realidade vivida no Parque Municipal da Taquara, no contexto do entorno deste e, principalmente, o objeto de estudo. Assim, buscou-se o máximo possível, articular as proposições teóricas com o trabalho de campo realizado.

¹ O Núcleo de Educação Continuada (NEC) é um projeto de extensão que busca articular suas ações através dos seguintes eixos Educação em Direitos Humanos e Educação Ambiental. O Projeto em questão faz parte da área de pesquisa do NEC (PESQNEC).

² O resultado deste levantamento integra o conteúdo da caixa de informação (Unidades de Conservação) da Biblioteca Virtual do Meio Ambiente da Baixada. Ver: www.bvnec.uerj.br

No primeiro capítulo a preocupação central foi apresentar a educação ambiental como um campo de extrema produção, com uma trajetória de mais de 30 anos³ de reflexão entre o seu papel e sua relação com o campo da Educação Fundamental. Apresentaram-se, além da trajetória deste campo, os conceitos e proposições atuais que se consubstanciam nas diferentes proposições de educação ambiental.

O capítulo 2 foi dedicado à caracterização do Parque Natural Municipal da Taquara. Nosso intuito nesta caracterização foi tornar claro ao leitor as condições sobre as quais o projeto estudado se desenvolve.

No capítulo 3 é feita uma exposição dos objetivos deste trabalho e a metodologia utilizada, visando atingi-los.

No capítulo 4 é feita uma exposição sobre a forma como a EA se desenvolve no Parque Natural Municipal da Taquara. É feito um breve relato das atividades em EA do PNMT, apontadas pelos seus gestores, e em especial o Projeto Guarda Florestal Mirim, o qual é analisado mais detalhada e criteriosamente.

O capítulo 5 se constitui como um capítulo de análise dos dados. Neste encontra-se de forma mais clara as diferentes “falas” sobre o Projeto e o papel da Educação Ambiental para os diferentes sujeitos entrevistados.

Finalmente, o capítulo 6 é o espaço para as considerações finais acerca de toda a pesquisa realizada. Procurou-se também abrir o debate sobre a necessidade de mais trabalhos acadêmicos ou não, que possibilitem um olhar crítico sobre as práticas denominadas de Educação Ambiental.

Talvez a realidade exposta sobre um “pequeno” Parque existente em um “pequeno” bairro numa região da periferia da cidade do Rio de Janeiro nos mostre o quanto é “grande” a necessidade de percebermos, através de indicadores claros, que entre a teoria e a prática “há mais coisa que a nossa vã filosofia”.

³ Aqui utilizei como referência a realização da Conferência Tbilisi em 1977. Ver capítulo 1.

CAPÍTULO 1

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Introdução

Este capítulo tem como objetivo apresentar as concepções sobre educação ambiental, bem como pontuar a sua trajetória através de alguns dos momentos marcantes que permitiram a formulação das mesmas.

Inicialmente, cabe destacar que a preocupação com a preservação do meio ambiente é um tema que tem mobilizado nações, governos, a sociedade civil organizada e que está na lista dos assuntos mais debatidos no mundo na atualidade.

Assim, os problemas derivados da degradação do meio ambiente têm tomado proporções planetárias, afetando e dizendo respeito a toda população mundial presente nos “quatro cantos do mundo”.

De fato, a natureza tem dado resposta às agressões que a sociedade de mercado -na qual a busca pelo lucro é prioridade - imprime sobre ela. A partir do momento em que o homem desconsiderou as interações entre essas intervenções e o ambiente em que se realizam, abriu-se margem à atual crise ambiental.

É fato que a ciência e a tecnologia melhoraram muito a vida do homem ao facilitar o trabalho, ao combater doenças, ao elevar padrões de vida. No entanto, tais conquistas têm resultado em crescentes pressões sobre o meio ambiente. Isso se deve ao atual modelo de desenvolvimento, o qual baseia-se na desigualdade e não beneficia igualmente a todos desse progresso. Segundo Guimarães (1995) a crescente população pobre dos países em desenvolvimento, que trava luta diária para a satisfação das necessidades básicas da vida, aumenta as pressões sobre o meio ambiente. Excluídas do processo de crescimento econômico, não tem sua pobreza aliviada e como consequência sofrem com o agravamento das condições de saúde e saneamento.

Paralelamente ao desenvolvimento econômico e tecnológico temos impactos causados pelo impressionante crescimento demográfico, pela urbanização sem planejamento e pela industrialização, onde os índices de violência, marginalização social e desemprego crescem a níveis alarmantes, principalmente nesses países chamados “subdesenvolvidos e em

desenvolvimento”. Para Layrargues (2001) esses fatores estão atrelados e têm origem na visão de mundo instrumental da sociedade na qual foram originados.

Apesar da dependência do progresso econômico dos países em relação às riquezas naturais, o que se vê é um amplo emprego de tecnologia a serviço de um modo de vida ecologicamente inviável; um exemplo é o alto investimento na extração de combustíveis fósseis.

E corroborando com Guimarães, para Layrargues (2001, p.132) esta crise ambiental tem origem:

[...] no sistema cultural da sociedade industrial, cujo paradigma norteador da estratégia desenvolvimentista, pautado pelo mercado competitivo como a instância reguladora da sociedade, fornece uma visão de mundo unidimensional, utilitarista, economicista e a curto prazo da realidade, onde o ser humano ocidental percebe-se numa relação de exterioridade e domínio da natureza.

Essa visão de mundo utilitarista e inconseqüente ameaça a extinção dos recursos da natureza não-humana na suas mais variadas formas de vida, assim como o fim da própria espécie humana diante da crescente deterioração da base material necessária ao desenvolvimento da sociedade, ou seja, o próprio ambiente. É dessas ameaças e das constatações dos diversos problemas ambientais que advém a atenção dada hoje à questão ambiental. Sob esta perspectiva, para Velloso (2006, p.13) “a crise ambiental pode ser entendida como uma crise civilizatória”.

Para Urban (1997), a atual pressão sobre a natureza tem dois aspectos que merecem atenção especial. O primeiro deles é que a produção capitalista tem que aumentar a quantidade de mercadorias vendidas e o segundo é a busca da sofisticação para assegurar o consumo a preços cada vez maiores. Essas colocações só reforçam o fato de que quanto mais consumimos mais dilapidamos o meio ambiente para retirar matéria - prima, e mais gastamos energia para produzir os bens que nos satisfazem⁴.

Na busca de soluções para resolver os graves problemas que nossas relações causaram ao planeta como um todo, governantes, empresários (as), sindicalistas, cientistas e religiosos

⁴ Especialistas avaliam que se todos os países atingissem o patamar de consumo dos EUA e Europa a humanidade precisaria de três a quatro planetas iguais para retirar da natureza os insumos necessários para o correspondente gasto de matéria-prima e de energia para produção de bens. Neste sentido, ver os diversos relatórios do IPCC que apontam para a relação direta entre as mudanças climáticas e a crescente emissão de gás carbônico proveniente da organização sócio-econômica das sociedades atuais, como por exemplo, a matriz energética baseada na utilização de combustíveis fósseis.

(as) reuniram-se em várias conferências da Organização das Nações Unidas (ONU) no fim do século XX.

Diante do exposto, creio que a condição para a reversão do atual cenário de degradação ambiental é que os indivíduos que formam as sociedades atuais percebam-se como sujeitos coletivos que podem intervir na realidade, constituindo novas relações entre si e deles com a natureza. É neste movimento histórico que a Educação Ambiental (EA) pode se tornar uma estratégia fundamental para que essa nova percepção seja alcançada.

1.1 Trajetória da Educação Ambiental

Para compreendermos a trajetória da construção desse processo educativo, denominado Educação Ambiental, recorreremos a alguns autores que aprofundaram-se nesse tema. É perceptível em seus escritos que discussões empreendidas fora do país, a exemplo das conferências internacionais, estão presentes no processo de definição da EA. Será então necessário fazer um breve recuo no tempo.

O marco inicial da EA no âmbito internacional é a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente Humano realizada em Estocolmo em 1972. Ela enfatizou a urgente necessidade de se criar novos instrumentos para tratar de problemas ambientais, dentre eles, a EA que passou a receber atenção especial em praticamente todos os fóruns relacionados com a temática do desenvolvimento e meio ambiente. A resolução 96 da Conferência de Estocolmo recomendou para a EA um caráter interdisciplinar para essa nova área de conhecimento que abrangesse todos os níveis de ensino incluindo o não-formal, com o objetivo de preparar o ser humano para viver em harmonia com o meio ambiente.

A necessidade de um amplo processo de EA surgida nessa Conferência levou ao estabelecimento do Programa Internacional de Educação Ambiental UNESCO/PNUMA (Organização para a Educação, a Ciência e a Cultura das Nações Unidas/Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente) e à elaboração dos princípios e orientações da EA na Conferência de Tbilisi em 1977 (LEFF in REIGOTA, 2001).

Como desdobramento de Estocolmo em 1975 e para implementar a resolução 96 citada acima, realizou-se em Belgrado o Seminário Internacional sobre Educação Ambiental na qual foi aprovado o documento denominado “Carta de Belgrado” onde encontram-se os

elementos básicos para estruturar um programa de Educação Ambiental em diferentes níveis, nacional, regional e local⁵. (BRASIL, 2001)

Em nível de América Latina destacam-se os seminários realizados em Chosica (Peru) e Bogotá (Colômbia) no ano de 1976, Costa Rica em 1979 e Buenos Aires em 1988. Das recomendações saídas dessas reuniões destaco a que a Educação Ambiental é postulada como agente fortalecedor e catalisador dos processos de transformação social e a que define a EA como capaz de enfrentar a problemática das implicações ambientais presentes no contexto de subdesenvolvimento da região latino-americana, e que ela faça parte integrante da política ambiental.

Mas na verdade, é concorde entre a maioria das pessoas que teorizam sobre, pensam e realizam a EA, que o grande marco conceitual da Educação Ambiental foi a I Conferência Intergovernamental sobre Educação para o Ambiente realizada pela UNESCO, na cidade de Tbilisi (Georgia) na ex União Soviética, no ano de 1977, em que foram enunciadas 41 recomendações sobre Educação Ambiental. Este encontro contribuiu para definir a natureza da EA, seus objetivos e características, assim como as estratégias pertinentes ao plano nacional e internacional da EA. Para Layrargues (2001) ela apresenta uma visão da realidade bastante crítica e acrescenta que:

(...) a grande relevância de Tbilisi reside na ruptura das práticas ainda reduzidas ao sistema ecológico, por estarem demasiadamente implicadas com uma educação meramente conservacionista. Então, fortemente atrelado aos aspectos político-econômicos e socioculturais, não mais permanecendo restrito ao aspecto biológico da questão ambiental, o documento de Tbilisi ultrapassa a concepção das práticas educativas que são descontextualizadas, ingênuas e simplistas, por buscarem apenas a incorporação do ensino sobre a estrutura e funcionamento dos sistemas ecológicos ameaçados pelo ser humano.” (LAYRARGUES, 2001, p.132)

No ano de 1987, a UNESCO e PNUMA realizaram em Moscou a II Conferência Mundial para tratar de EA. Nesse evento avaliou-se o que fora realizado na década anterior e reafirmados os princípios preconizados em Tbilisi para EA. Traçou-se planos de ação para a década de 1990, como as questões de natureza pedagógica necessárias para integrar a EA ao sistema educacional dos países. Foi enfatizada a questão da resolução de problemas concretos através de uma participação responsável e consciente dos indivíduos e da coletividade.

⁵ Os objetivos para a EA da *Carta de Belgrado* são os seguintes: *conscientização; conhecimento, atitudes, habilidades, capacidade e participação.*

Em 1992, durante a Unced (Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento) mais conhecida como *Rio 92*, ocorreu o Fórum Global - evento paralelo ao oficial reunindo a sociedade civil. Durante o Fórum aconteceu a Jornada Internacional da Educação Ambiental da qual produziu-se o “Tratado de Educação Ambiental para sociedades sustentáveis e responsabilidade global” que apresenta os seguintes princípios:

(...) a EA deve basear-se num pensamento crítico e inovador; ter como propósito formar cidadãos com consciência local e planetária; ser um ato político, baseado em valores para a transformação social; envolver uma perspectiva holística, enfocando a relação entre o ser humano, a natureza e o universo de forma interdisciplinar; e deve estimular a solidariedade, o respeito aos direitos humanos e a equidade.” (BRASIL, 2001)

Entre as principais pautas da Rio-92 estava examinar a situação ambiental do mundo e as mudanças ocorridas depois da Conferência Estocolmo. Esta Conferência iniciou a elaboração da carta da terra, lançou a agenda 21 e embasou eventos como a conferência de Kyoto no Japão em 1997, que originou o Tratado de Kyoto (2005).⁶

Nota-se que em termos internacionais a Educação Ambiental dispõe de um referencial conceitual que deve ser incorporado nas práticas formais e não-formais de cada país, região ou localidade. Tais pressupostos orientaram as políticas públicas, programas governamentais ou não, em diferentes países. Todos esses eventos criaram bases conceituais da EA como instrumento para se alcançar um novo tipo de desenvolvimento que passou a ser denominado de “desenvolvimento sustentável”.

Numa contribuição para uma análise crítica do histórico de mobilização internacional até aqui exposto, Loureiro diz que

os ciclos de conferências se repetem, mas a desigualdade econômica e política, assim como a devastação ambiental, também se perpetuam. Os problemas mundiais e os locais em cada nação não poderão ser resolvidos somente com educação, visto que a educação é uma prática social, e portanto, define-se em sociedade. Porém, não será possível solucionar problemas que se manifestam política e economicamente em todo o mundo sem a educação. (LOUREIRO, at al, p.31, 2007)

⁶ O conteúdo original destes documentos podem ser encontrados em www.bvnec.uerj.br.

1.2 Educação Ambiental no Brasil

A primeira vez que a Educação Ambiental aparece na legislação brasileira⁷ de modo integrado foi com a Lei 6938 de 1981 que institui a Política Nacional de Meio Ambiente. Esta lei posteriormente foi incorporada pela Constituição Brasileira de 1988, a qual em seu artigo 225 (*caput*), determina que “*todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações*”. Para garantir a efetividade desse direito, o Poder Público fica incumbido de promover a EA em todos os níveis de ensino.

Em 1991 é iniciada a institucionalização da Educação Ambiental no MEC, pela portaria 678, estabelecendo que a Educação Ambiental deve permear os currículos dos diferentes níveis e modalidades de ensino. Em 1994 foi aprovado o Programa Nacional de Educação Ambiental (PRONEA) e em 1997 foi lançado os Parâmetros Curriculares Nacionais que tem como um dos temas transversais o Meio Ambiente.

Ainda no sentido da busca pela promoção da EA, em 1999 é criada a Lei 9795/99 que dispõe sobre a Educação Ambiental e institui a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), sendo criadas a Coordenação-geral de EA (CGEA) no Ministério da Educação (MEC) e a diretoria de EA no Ministério do Meio Ambiente (MMA).

Acompanhando a Constituição, quase todos os Estados estabeleceram disposições específicas sobre meio ambiente e quase todos incluíram a EA entre os temas contemplados (BARBIERI, 2004, p.10). O Estado do Rio de Janeiro, por exemplo, através da Lei 3325/99, instituiu a Política Estadual de Educação Ambiental, criando o Programa Estadual de Educação Ambiental.

Colocar em prática uma EA em todos os níveis e modalidades da educação, em conformidade com os resultados de discussões empreendidas em nível internacional e com a atual legislação, constitui-se um imperativo não só diante das exigências legais, mas da necessidade de dar soluções à gravidade dos problemas socioambientais que afetam o planeta.

⁷ A íntegra destes documentos encontram-se no sítio www.bvniec.uerj.br. Na caixa de informação denominada Educação Ambiental .

1.3 Concepções de Educação Ambiental

Educação Ambiental é o nome atribuído às práticas educativas relacionadas à questão ambiental, e que se desenvolve na prática cotidiana dos que realizam o processo educativo. Assim, para Layrargues (2004) “Educação Ambiental” designa uma qualidade especial que define uma classe de características que, juntas, permitem o reconhecimento de sua identidade, diante de uma Educação que antes não era ambiental. Brügger (1994) ao dizer que colocar o adjetivo ambiental na educação tradicional, decorre do fato desta não ser ambiental, também compartilha dessa posição, mas acrescenta que o problema ambiental não possui sua origem simplesmente na falta de educação dos indivíduos, mas sim na visão de mundo que impregna o paradigma hegemônico de valores contrários aos princípios ecológicos. Sauvé (2005a) afirma que a educação ambiental não é uma forma de educação entre outras, e sim, uma dimensão essencial da educação que diz respeito à nossa relação com o meio em que vivemos.

É um campo de conhecimento em construção e,

Por sua trajetória e especificidade como campo interdisciplinar relativamente recente -aproximadamente quatro décadas- a EA possibilita considerável amplitude de argumentos, posicionamentos e apropriações de conceitos das mais variadas ciências. Isso a define como um campo de saber propício a inovações, porém repleto de tensão e polêmicas entre tendências que buscam legitimamente se afirmar nos espaços públicos e educativos, sejam eles formais ou não (LOUREIRO, *et al*, 2007, p.29).

Nesse sentido, Sauvé (2005b) chega a identificar quinze correntes⁸ distintas de Educação Ambiental. Mas para atender à necessidade desse trabalho abordaremos as concepções das práticas e reflexões pedagógicas explicitadas nas variadas denominações e classificações criadas desde que se cunhou o termo “Educação Ambiental”, e que são evocadas por Layrargues (*op.cit*). Ele aponta em meio à diversidade de nomenclaturas que existe atualmente, a Alfabetização Ecológica, a Ecopedagogia, a Educação Ambiental Crítica, a Educação ambiental Transformadora ou Emancipatória e a Educação no Processo de Gestão Ambiental. Elas apontam para a necessidade de resignificar os sentidos identitários e fundamentais dos diferentes posicionamentos político-pedagógicos.

⁸ A autora se refere a um maneira geral de conhecer e praticar a EA. As de longa tradição são as seguintes: naturalista, conservacionista/recursista, resolutiva, sistêmica, científica, humanista, moral/ética. E entre as mais recentes: holística, biorregionalista, práxica, crítica, feminista, etnográfica, da ecoeducação, da sustentabilidade. (SATO, M; CARVALHO, I; 2005)

Renomear o vocábulo composto pelo *substantivo Educação e pelo adjetivo Ambiental* pode significar dois movimentos simultâneos, mas distintos: um refinamento conceitual fruto do amadurecimento teórico do campo, mas também o estabelecimento de fronteiras identitárias internas distinguindo e segmentando diversas vertentes (...) (LAYRARGUES, 2004, p. 8)

Por entender que a EA crítica e a EA transformadora não se excluem e, inclusive, alicerçam teoricamente este trabalho nos deteremos na apresentação destas concepções. Com relação à educação ambiental no processo de gestão ambiental, entende-se que além da mesma não se confrontar com anteriores, apresenta-se como um instrumento importante para a compreensão do processo de gestão das Unidades de Conservação, caso que contempla o Parque Municipal da Taquara.

1.3.1 Educação Ambiental Crítica

A EA crítica é assim nomeada por representar uma contraposição a algo existente como forma de superação. O ponto para superação refere-se à denominada Educação Ambiental Conservadora, perspectiva que vem se consolidando perante a sociedade e que:

ao se colocar inapta de transformar uma realidade (a qual ela própria é um dos mecanismos de reprodução), conserva o movimento de constituição da realidade de acordo com os interesses dominantes – a lógica do capital.(GUIMARÃES, op. cit., p.26).

Essa EA (Conservadora) busca encontrar a solução da crise a partir dos mesmos referenciais que a constituem. Ao se substanciar nos paradigmas constituintes/constituídos da/pela sociedade moderna, apenas os reproduz na sua ação educativa, não supera. Por exemplo, não supera o paradigma que sustenta uma relação desintegrada e hierarquizada entre sociedade e natureza, baseada na dominação e espoliação da primeira sobre a segunda, pilares da crise ambiental da atualidade. Produz uma prática pedagógica individualista, comportamentalista e conseqüentemente simplista por pensar que a soma das partes (indivíduos) vá levar à transformação da sociedade.

Guimarães (2004) sentiu então, a necessidade de resignificar a EA como “crítica”, por compreender ser necessário diferenciar uma ação educativa que seja capaz de contribuir com a transformação da realidade em meio a uma crise socioambiental. A EA crítica objetiva promover ambientes de mobilização, de formação de educadores e educandos para superar as armadilhas paradigmáticas. (GUIMARÃES, op. cit).

Para Carvalho (2004b) a prática educativa da Educação Ambiental Crítica procura formar o sujeito individual e social entendendo-o enquanto ser humano que está inserido na história. Recusa, portanto, tanto a crença individualista quanto a contrapartida desta dicotomia que subsume a subjetividade num sistema macro social despersonalizado desta dicotomia que deve mudar primeiro para depois possibilitar a mudança na vida de pessoas e grupos. Isto posto, para que essa formação crítica se realize é preciso conceber indivíduo e coletividade em sua relação com o mundo.

Vale acrescentar a essa discussão a observação de Loureiro (2004) ao dizer que todo e parte devem ser entendidos como movimento dinâmico, contraditório e complementar, mutuamente constituídos. Entendê-los de modo contrário ou recai-se no holismo generalista, no reino das idéias sem concretude ou na fragmentação das partes, na coisa em si sem fluxos e processos.

Carvalho (op. cit.) ao discorrer sobre o que fundamentou o posicionamento crítico da Educação Ambiental coloca que ela é inspirada nas idéias-força da educação crítica, as quais posicionam a educação imersa na vida, na história e nas questões urgentes de nosso tempo. A EA acrescenta a esse posicionamento uma especificidade: compreender as relações sociedade-natureza e intervir sobre os problemas e conflitos ambientais. Neste sentido, o projeto político-pedagógico de uma EA Crítica:

seria o de contribuir para uma mudança de valores e atitudes, contribuindo para a formação de um *sujeito ecológico*. Ou seja, um tipo de subjetividade orientada por sensibilidades solidárias com o meio social e ambiental, modelo para a formação de indivíduos e grupos sociais capazes de identificar, problematizar e agir em relação às questões socioambientais, tendo como horizonte uma ética preocupada com a justiça ambiental (CARVALHO, op. cit., p.18-19).

A EA crítica assume sua dimensão política ao se propor a desvelar a realidade, para inserindo o processo educativo nela, contribuir para a transformação da sociedade atual, inclusive voltando seus projetos para além da sala de aula. Isso se torna possível, pois,

A ação pedagógica de caráter crítico potencializa o surgimento e estimula a formação de lideranças[...] busca a articulação dos diferentes saberes e exercita a construção do sentimento de pertencimento ao coletivo, ao todo representado pela comunidade e pela natureza e [...]incentiva a coragem da renúncia ao que está estabelecido e ousadia para inovar. (GUIMARÃES, op. cit., p.31-32).

1.3.2 Educação Ambiental Transformadora e Emancipatória

De acordo com Loureiro (2004) a vertente da EA denominada *transformadora*, começou a se configurar nos anos 80 no Brasil, pela aproximação de educadores, principalmente os envolvidos com educação popular e instituições públicas e educação, junto aos militantes de movimentos sociais e ambientalistas, com foco na transformação societária e no questionamento radical aos padrões industriais e de consumo consolidados no capitalismo. Trata-se, portanto de uma EA que se origina das pedagogias críticas e emancipatórias. A dialética se constitui como método fundamental que alicerça as reflexões desta concepção com interfaces com a chamada teoria da complexidade, visando um novo paradigma para uma nova sociedade.

A influência de maior destaque encontra-se na pedagogia inaugurada por Paulo Freire do grupo das pedagogias libertárias e emancipatórias iniciadas nos anos 70 na América Latina, em seus diálogos com as tradições marxista e humanista. Para Freire (1988) a educação libertadora é incompatível com uma pedagogia que pratica a dominação, e a prática da liberdade só se realiza numa pedagogia em que o oprimido se descubra e conquiste-se como sujeito de sua própria destinação histórica. Essa pedagogia traz uma contribuição teórico-metodológica para a prática da EA Emancipatória quando desperta no educando a consciência através da problematização dos temas geradores pertencentes ao seu universo vivido. Segundo Loureiro (op. cit.), dentro da tradição dialética marxista merece destaque a Escola de Frankfurt que denuncia já no início século XX, que o processo de exploração entre as pessoas é parte da mesma dinâmica de dominação da natureza, uma vez que esta se define na modernidade capitalista como uma externalidade e tudo e todos viram coisas, mercadorias a serviço da acumulação de capital.

Conforme Lima (2004, p.94) “em termos teóricos e conceituais a EA Emancipatória procura enfatizar e associar as noções de mudança social e cultural, de emancipação/libertação individual e social e de integração no sentido de complexidade”. Ao realizar uma explicação sobre essas mudanças diz que:

A idéia de mudança social reflete um inconformismo com o estado atual do mundo, com as relações sociais que os indivíduos estabelecem entre si, com as relações dos indivíduos consigo mesmos e com as relações com o seu meio ambiente. Parte da consideração de que essas relações são socialmente injustas, ecologicamente insustentáveis, economicamente deterministas, politicamente não-democráticas, eticamente utilitárias [...] A mudança cultural, por sua vez, aponta para a necessidade de renovação do código de valores dominante na sociedade no sentido

da construção de uma nova ética que valorize não apenas a vida humana, mas a vida não-humana. (LIMA, op. cit., p.94)

Ao formular sobre essa vertente, Loureiro (op.cit.) parte do princípio que educação ambiental é uma perspectiva que se constrói na própria educação, formada nas relações estabelecidas entre as diversas tendências pedagógicas e do ambientalismo, que têm no “ambiente” e na “natureza” categorias centrais e identitárias. E continua com um alerta:

A educação ambiental não se refere exclusivamente às relações vistas como naturais ou ecológicas como se as sociais fossem a negação direta destas, recaindo no dualismo, mas sim a todas as relações que nos situam no planeta e que se dão em sociedade-dimensão inerente à nossa condição como espécie. (LOUREIRO, op.cit, p.79)

Há uma despolitização quando é dado um tratamento ingênuo tanto à questão ambiental quanto à EA, quando são compreendidas como problemas ecológicos “stricto sensu” ou técnicos por desconsiderar o teor político e conflitivo que está na gênese de sua emergência. A visão parcial e reduzida da realidade favorece uma compreensão despolitizada e alienada dos problemas ambientais, na medida em que oculta seus motivos políticos e a inevitável conexão entre suas múltiplas dimensões. A EA transformadora é vista como um processo de politização, pois baseia-se na ação política como forma de estabelecer movimentos emancipatórios e de transformação social e do estabelecimento de novos patamares de relação com a natureza. A EA constitui-se como uma prática duplamente política por integrar o processo educativo, que é inerentemente político e a questão ambiental que também tem o conflito em sua origem (LIMA, op.cit.).

A despolitização do debate ambiental é um dos motivos que estimularam a reflexão comparativa entre uma EA conservadora e a possibilidade de uma libertadora. Para Loureiro (op.cit) a dita educação ambiental convencional, está centrada no indivíduo e focaliza o ato educativo enquanto mudanças de comportamentos compatíveis a um determinado padrão idealizado de relações com a natureza, reproduzindo o dualismo natureza-cultura, com uma tendência a aceitar a ordem social estabelecida sem crítica às suas origens históricas. A EA Transformadora enfatiza a educação enquanto processo permanente, cotidiano e coletivo pelo qual agimos e refletimos, transformando a realidade de vida. A educação pode ser conservadora ou emancipatória (superadora das formas alienadas de existência), pode apenas reproduzir ou transformar-nos pelas relações no mundo.

1.3.3 Educação no Processo de Gestão Ambiental

O dever de defender e preservar o meio ambiente ecologicamente equilibrado para as presentes e futuras gerações é uma atribuição do Poder Público e da coletividade, conforme previsto no artigo 225 da Constituição Federal. Com isso, o primeiro parágrafo deste artigo, objetivando tornar efetivo o direito ao meio ambiente, traz sete incumbências⁹ pelas quais apenas os Poderes Públicos são responsabilizados. Destas, uma direciona o Poder Público para a criação de condições para a coletividade cumprir o seu dever: “VI-promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente”.

Para atender a essas exigências a equipe de educadores do IBAMA vem construindo uma proposta denominada Educação no Processo de Gestão Ambiental ou Educação Ambiental na Gestão do Meio Ambiente. Qualificaram-na assim, a partir do espaço em que ela se produz: o da gestão ambiental pública (QUINTAS, 2004). Seu objetivo é proporcionar condições para o desenvolvimento de capacidades, (nas esferas dos conhecimentos, das habilidades e das atitudes) visando à intervenção individual e coletiva, de modo qualificado, tanto na gestão do uso dos recursos ambientais quanto na concepção e aplicação de decisões que afetam a qualidade do meio ambiente, seja ele físico-natural ou construído (IBAMA, 1995). Quintas (op. cit, p.115) esclarece que ao se falar em Educação no Processo de Gestão Ambiental não está se falando de uma nova Educação Ambiental:

[...] está se falando sim, *em uma outra concepção de educação que toma o espaço da gestão ambiental como elemento estruturante na organização do processo de ensino-aprendizagem*, construído com sujeitos nele envolvidos, para que haja de fato controle social sobre decisões, que via de regra, afetam o destino de muitos, senão de todos, destas e de futuras gerações.

Esta proposta é sim, substancialmente diferenciada da chamada Educação Ambiental convencional a qual segundo Layrargues (2002) tem como elemento estruturante da sua prática pedagógica o funcionamento dos sistemas ecológicos. Conforme Quintas (op. cit.) referencia-se então em outra vertente, a da Educação Ambiental Crítica a qual é:

[...] um processo educativo eminentemente político, que visa ao desenvolvimento nos educandos de uma consciência crítica acerca das instituições, atores e fatores

⁹ Incisos I, II, III, IV, V, VI, VII

sociais geradores de riscos e respectivos conflitos sócio ambientais (LAYRARGUES,2002 apud QUINTAS op. cit., p.116)

A EA, para cumprir sua finalidade, conforme previsto na lei 93795/99, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental e em seu Decreto regulamentador (4281/02), deve proporcionar condições para o desenvolvimento das capacidades necessárias para que grupos sociais, em diferentes contextos sócio-ambientais do país, exerçam o controle da gestão ambiental pública. O modo como um tema é abordado em um projeto de EA revela tanto sua concepção pedagógica quanto o entendimento sobre a questão ambiental. Há desde programas que enfatizam a ação individual da pessoa até os que buscam a construção coletiva de modos de compreendê-la e superá-la (a problemática) (QUINTAS, op. cit.). De acordo com esta última abordagem, acredita-se que ao participar do processo coletivo de transformação da sociedade, a pessoa, também está se transformando. Nesta perspectiva a sustentabilidade decorreria de um processo de construção coletiva de um mundo socialmente justo, democrático e ambientalmente seguro decorrente de uma EA emancipatória e transformadora (QUINTAS e GUALDA, 1995 apud QUINTAS, op. cit.). A EA no Processo de Gestão Ambiental deve proporcionar condições para produção e aquisição de conhecimentos, habilidades e o desenvolvimento de atitudes, visando à participação individual e coletiva:

- na gestão do uso dos recursos ambientais e
- na concepção e aplicação de decisões que afetam a qualidade dos meios físico-natural e sociocultural (QUINTAS, op. cit.)

É coerente então concluirmos que os principais sujeitos dessa ação educativa sejam os grupos sociais mais onerados pelo ato de gestão ambiental e que possuem menores condições de intervenção no processo decisório, uma vez que a gestão ambiental é um processo de mediação de interesses e conflitos pelo uso dos recursos ambientais entre atores sociais.

O processo educativo de uma EA emancipatória e transformadora comprometida com um futuro sustentável deve caminhar no sentido de:

- superar a visão fragmentada da realidade através da construção e reconstrução do conhecimento sobre ela, num processo de ação e reflexão de modo dialógico com os sujeitos envolvidos;
- respeitar a pluralidade e diversidade cultural, fortalecer a ação coletiva e organizada, articular os aportes de diferentes saberes e fazeres e proporcionar a compreensão da problemática ambiental em toda a sua complexidade;
- possibilitar a ação em conjunto com a sociedade civil organizada e sobretudo com os movimentos sociais, numa visão de educação ambiental como processo instituinte de novas relações dos seres humanos entre si e deles com a natureza e
- proporcionar condições para o diálogo com as áreas disciplinares e com os diferentes atores envolvidos com a gestão ambiental. (QUINTAS, op. cit., p.132)

Sendo assim, está se propondo no processo de gestão ambiental não só uma EA transformadora e emancipatória como também crítica, pois, segundo Layrargues (2002, p. 169) esta última diz respeito a:

Um processo educativo eminentemente político, que visa ao desenvolvimento nos educandos de uma consciência crítica acerca das instituições, atores e fatores sociais geradores de riscos e respectivos conflitos socioambientais. Busca uma estratégia pedagógica do enfrentamento de tais conflitos a partir de meios coletivos de exercício da cidadania, pautados na criação de demandas por políticas públicas participativas conforme requer a gestão ambiental democrática. (grifos meus)

Conforme já foi dito, lidar com a questão ambiental implica, necessariamente, em se superar a visão fragmentada da realidade. Isto é válido para a prática da produção do conhecimento, na gestão ambiental e no processo de ensino e aprendizagem para compreendê-la e praticá-la. Mas Martinic (1994 apud QUINTAS, op. cit) alerta que não existe receita pronta, há que se considerar as características dos sujeitos da ação educativa, seus saberes e fazeres, a realidade em questão, as áreas de conhecimento envolvidas, o tempo disponível, os conteúdos, etc. Trata-se de sujeitos concretos em contextos socioambientais concretos, com os quais será construído o processo de ensino-aprendizagem e cujos temas a serem trabalhados precisam do aporte de várias áreas do conhecimento -inclusive o popular. Segundo Morin (2001 apud QUINTAS op. cit.) para que o conhecimento seja pertinente, a educação deve torná-los evidentes. O conhecimento de informações e dados isolados é insuficiente. Para adquirirem sentido é preciso situá-los em seu contexto, e ainda, enfrentar a complexidade. Em conseqüência, a educação deve promover a “inteligência geral” apta a referir-se ao complexo, ao contexto, de modo multidimensional e dentro da concepção global.

CAPÍTULO 2

O PARQUE NATURAL MUNICIPAL DA TAQUARA E SEU LUGAR NO SISTEMA NACIONAL DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

O Parque Natural Municipal da Taquara (PNMT) está localizado no terceiro¹⁰ distrito do município de Duque de Caxias (RJ). Foi criado pela lei municipal de número 1.157 em 11 de dezembro de 1992, tendo como base o já extinto artigo 5º do Código Florestal que previa a criação pelo Poder Público dos Parques Municipais. Conforme informação passada pela direção do PNMT, sua gestão é de responsabilidade da Prefeitura Municipal de Duque de Caxias.

O Parque (ver anexo B/foto 1) compreende uma área de aproximadamente 20 hectares de remanescente de Mata Atlântica submontana. Esta área é bastante alterada, mas exerce uma importante função que é de servir como zona de amortecimento para a Área de Proteção Ambiental de Petrópolis. Possui uma biodiversidade peculiar desse tipo de formação florestal. Desde a data de sua criação o espaço territorial do Parque era uma cessão do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) à Prefeitura Municipal de Duque de Caxias. A partir de 2005 a Prefeitura começou a trabalhar na questão da regularização fundiária uma vez que a cessão do Incra estava vencida. Havia as opções de renovar esta cessão ou de se buscar a doação definitiva desse espaço à Prefeitura. A escolha dos gestores do Parque e do Secretário de Fazenda se encaminhou para o pedido de doação, o que resultou na doação definitiva em 23 de junho de 2006.

Conforme previsto na lei municipal, a criação do PNMT tem por finalidades:

- a. resguardar os atributos excepcionais da natureza na região;
- b. a proteção integral da flora, da fauna e demais recursos naturais, com utilização para objetivos educacionais e recreativos;
- c. assegurar condições de bem estar público. (Lei nº1157, art.2º)

O PNMT é uma unidade de conservação e conforme a lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000 que institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC) é definida como:

¹⁰ (ver anexo A) O município de Duque de Caxias é dividido em 4 distritos: 1º distrito (Centro); 2º distrito (Campos Elísios); 3º (Imbariê); 4º distrito (Xérém)

espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção. (BRASIL, 2000)

As primeiras unidades de conservação¹¹ criadas até meados da década de 70, “não o foram através de critérios técnicos e científicos e muito menos com a idéia de um sistema” (PÁDUA, 1997, p.217). As áreas foram sendo estabelecidas muito mais pelas belezas cênicas, como foi o caso do Parque Nacional de Iguaçu (PR), Itatiaia (RJ), Serra dos Órgãos (RJ), Aparados da Serra (RS) ou por algum fenômeno geológico espetacular, como o Parque Nacional de Ubajara (CE), ou pela riqueza da fauna como Emas (GO), ou ainda por puro oportunismo político como o Parque Nacional da Amazônia (estratégia política de defesa da região) (PÁDUA, op. cit.). Apesar dessa constatação não se pode desmerecer os conservacionistas brasileiros que conseguiram o estabelecimento de muitas dessas unidades. Não é por pura casualidade que muitas delas são extremamente importantes para garantir a representatividade de distintos ecossistemas.

O SNUC traz no seu 7º artigo as categorias das unidades de conservação que o integram. Elas dividem-se em dois grupos: Unidades de Uso Sustentável¹² e Unidades de Proteção Integral, grupo no qual o Parque Natural Municipal da Taquara integra. O objetivo básico das Unidades de Proteção Integral é: “preservar a natureza, sendo admitido apenas o uso indireto dos seus recursos naturais, com exceção dos casos previstos na Lei” (Lei 9985/2000, art. 7º, §1º). As Unidades de Proteção Integral são compostas pelas seguintes categorias: Estação Ecológica, Reserva Biológica; Parque Nacional; Monumento Natural e Refúgio da Vida Silvestre. Os Parques Naturais Municipais são contemplados pela categoria Parque Nacional, pois, as unidades dessa categoria quando criadas pelo Estado ou Município, são denominadas respectivamente, Parque Estadual e Parque Natural Municipal. O PNMT segue, portanto, o objetivo básico estabelecido para os Parques Nacionais:

¹¹ Segundo Pádua (1997) a primeira unidade de conservação (UC) do Brasil foi criada em 1886 em São Paulo. Trata-se de um Parque estadual chamado Parque Estadual da Cidade. Somente em 1937 foi criado o primeiro Parque Nacional: o do Itatiaia, no Estado do Rio de Janeiro. A partir daí diversos Parques e Florestas Nacionais foram criados em diversos Estados brasileiros.

¹² Constituem este grupo as seguintes categorias: Área de Proteção Ambiental; Área de Relevante Interesse Ecológico; Floresta Nacional; Reserva Extrativista; Reserva de Fauna; Reserva de Desenvolvimento Sustentável e Reserva Particular do Patrimônio Natural. Seu objetivo básico é compatibilizar a conservação da natureza com o uso sustentável de parcela dos recursos naturais.

a preservação de ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica, possibilitando a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico. (SNUC, art. 11)

Pesquisas da catalogação da fauna e flora do PNMT iniciaram-se recentemente (a menos de dois anos) e ainda não foram concluídas. A exemplo, o levantamento das espécies da ictiofauna, de anuros e aves. Recentemente, numa aparição inesperada, foi registrada a ocorrência do Mico Leão Dourado¹³ (*Leontopithecus Rosalia*) em seu interior. O grupo é composto por cerca de 15 indivíduos e o mapeamento genético é aguardado para que se saiba a origem desses animais.

Através de convênio firmado com a Prefeitura Municipal de Duque de Caxias (PMDC), a Universidade do Grande Rio (Unigranrio) trabalha auxiliando nas pesquisas científicas realizadas no Parque, com o suporte de professores desta instituição e alunos voluntários e estagiários.

O PNMT ainda não está em conformidade com todos os preceitos do SNUC. Apesar de ser uma unidade de proteção integral, a qual pressupõe a manutenção dos ecossistemas livres de alterações causadas por interferência humana, admitindo apenas o uso indireto dos seus recursos naturais, ou seja, aquele que não envolve consumo, coleta, dano ou destruição destes, têm residência (ver anexo B/foto 2) nas dependências do Parque, 11 famílias. Alguns desses moradores têm comércio nas dependências do Parque como o de gêneros alimentícios, bares, aluguel de churrasqueira, cobrança para banho em piscinas de água natural e para participar do *paintball* numa quadra dedicada a esse jogo. Sendo os Parques Municipais de posse e domínio públicos, no parágrafo 1º do artigo 11 da lei 9985/2000 está previsto que as áreas particulares incluídas em seus limites serão desapropriadas, de acordo com o que dispõe a lei. Esse processo de desapropriação na referida UC ainda não se efetivou. Segundo o coordenador desta unidade, a sede que hoje encontra-se instalada no horto (ver anexo B/foto3) do Parque, deverá ocupar uma das residências quando estas forem desapropriadas.

É sensível aos moradores do bairro da Taquara e dos bairros vizinhos que este refúgio da Mata Atlântica da bacia da Baía contém um micro clima diferenciado, conferindo ao Parque - e também a seu entorno-, temperaturas mais amenas e regime pluviométrico mais intenso. O Parque possui quedas d'água como o Véu das Noivas, cachoeiras, poços ao longo do Rio das Dores (que possibilitam a presença de banhistas) e trilhas. Esses atrativos fazem

¹³ O responsável pela redescoberta da espécie é o professor e biólogo Carlos Burity do Instituto de Biociências da UNIGRANRIO.

com que o Parque seja uma opção de lazer aos moradores das adjacências, acrescido ao fato de ser uma opção barata, uma vez que não é cobrada taxa de visitação.

Segundo os gestores do Parque, em finais de semana do verão, o Parque chega a receber de 2 a 3 mil visitantes por final de semana, trazendo um forte impacto a essa área. A realização de churrasco, o lixo deixado por alguns visitantes, compactação do solo e alargamento das trilhas devido ao intenso pisoteamento e ao uso de bicicletas são alguns exemplos. Outro problema são objetos e animais mortos deixados no Parque derivados de culto religioso. Essa situação tem se amenizado consideravelmente desde que este espaço territorial foi doado ao município. Hoje o Parque conta com guardas municipais e florestais que controlam e evitam a entrada de visitantes que porventura possam ameaçar a preservação desse ecossistema, bem como uma maior sensação de segurança.

Segundo o coordenador do Parque, com o objetivo de amenizar os efeitos negativos da visitação, aos domingos, estagiários do curso de Biologia da Unigranrio percorrem as trilhas, com o objetivo de conscientizar os visitantes quanto ao tipo de comportamento ideal numa UC, colocar lixeiras e recolher o lixo. Mas o próprio coordenador do Parque reconhece ter poucas placas informativas educativas no local, que inclusive possibilitariam a interpretação ambiental¹⁴. Conciliar a demanda e a satisfação do usuário com a conservação das unidades que incluem o uso público é um grande desafio.

Com relação a utilização dos Parques, Vasconcelos afirma que:

(...) as atividades de recreação, educação ambiental e interpretação em UCs estão bem relacionadas. O turismo e a recreação requerem estruturas e meios comuns para a sua realização e pode ser um veículo para a educação ambiental. (VASCONCELOS, 1977, p.475)

Isto se justifica, pois, os participantes destas experiências são a mesma pessoa. O resultado pode ser a redução dos impactos sobre os recursos e a prevenção de conflitos. Estes, também poderiam ser dirimidos por uma gestão compartilhada.

O PNMT ainda não possui um Conselho Gestor. Segundo a lei do SNUC (art. 29), cada unidade de conservação do grupo de Proteção Integral disporá de um Conselho Consultivo, presidido pelo órgão responsável por sua administração e constituído por representantes de órgãos públicos, de organizações da sociedade civil e das populações tradicionais residentes. Para Loureiro (et. al., 2007) o conselho gestor deve ser uma instância

¹⁴ A Interpretação Ambiental, preconizada pela lei 9985/2000 para Parques Naturais, é conforme Vasconcelos (1997) uma atividade educativa que aspira revelar os significados e as relações existentes no ambiente, por meio de objetos originais, através de experimentos de primeira mão e meios ilustrativos, em vez de simplesmente comunicar informação literal.

democrática e legitimada pelos diferentes agentes sociais envolvidos na gestão da UC. Desse modo, a gestão participativa promove o envolvimento das instituições e comunidade do entorno do Parque na gestão do uso dos recursos ambientais em direção à promoção da qualidade e manutenção deste Parque.

Hoje, a iniciativa do Parque em realizar um trabalho de Educação Ambiental através do projeto Guarda Florestal Mirim com crianças das comunidades de seu entorno, é um dos principais focos de sua atual gestão, conforme depoimento da administração atual, e será objeto de nossa análise.

Embora não tenha realizado um levantamento socioeconômico da Taquara e sendo muito parcos as fontes secundárias disponíveis para caracterizar o entorno do Parque, abro aqui um parênteses para fazer uma breve caracterização deste bairro, mesmo que fruto de minha percepção e observação, dado o contato diário que tenho com tal bairro. Ele se localiza na periferia do Município de Duque de Caxias da região da Baixada Fluminense, tem ares interioranos, sua população é constituída em sua maioria por pessoas de nível de renda baixo, os quais extraem sua renda do trabalho na fábrica de tecidos Novamérica¹⁵.

Como foi apontado anteriormente, existe uma relação entre alguns moradores e a exploração comercial do Parque para visitantes. Além desta relação, com certeza a área que atualmente se chama Parque Municipal da Taquara deve se constituir como uma área de inúmeros significados para população local. Estes significados, embora não analisados no escopo deste trabalho, não podem ser desprezados, mesmo como possibilidades ainda “invisíveis” e, portanto, carecendo de uma pesquisa que dê visibilidade a estas outras percepções sobre este espaço natural.

¹⁵ Constitui-se numa importante poluidora dos rios da Taquara.

CAPÍTULO 3

A ESCOLHA DA “TRILHA” A PERCORRER: OBJETIVOS, METODOLOGIA E OS SUJEITOS DA PESQUISA

3.1 Objetivo Geral

Este trabalho tem por objetivo geral contribuir para a compreensão do modo como se dá a relação entre a educação ambiental Não-Formal das Unidades de Conservação e a Educação Ambiental Formal das escolas realizadas nas escolas.

3.2 Objetivos Específicos

a) realizar uma análise crítica do Projeto de Educação Ambiental denominado Guarda Florestal Mirim realizado no Parque Natural Municipal da Taquara bem como da Educação Ambiental realizada nas escolas do entorno envolvidas nesse projeto, tomando como parâmetro a Educação Ambiental Crítica;

b) analisar em que medida os objetivos da Educação Ambiental do Parque se articulam com os objetivos das escolas e quais suas repercussões no espaço escolar;

c) levantar a importância e o espaço dado à Educação Ambiental nas escolas em questão e a concepção que seus professores e alunos têm a respeito desse fazer educativo;

d) entender quais objetivos idealizadores e executores do Projeto Guarda Florestal Mirim visam atingir com ele.

3.3 Metodologia

Ao tentarmos compreender o modo como se dá a EA não formal desenvolvida em UCs, seus objetivos e sua relação com a EA formal, foram estabelecidas prioridades e um recorte desta realidade. Selecionamos então para investigação o Projeto de EA Guarda Florestal Mirim desenvolvido no Parque Natural Municipal da Taquara e as escolas de seu entorno, que dentre outras saem os alunos que participam do Projeto.

Isto posto, a modalidade de pesquisa que mais se aproxima com a utilizada neste trabalho é o *estudo de caso*. Lüdke e André (1988, p.17) definem-na da seguinte maneira:

O estudo de caso é o estudo de *um* caso, seja ele simples e específico ou complexo e abstrato [...] O caso é sempre bem delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos no desenrolar do estudo. O caso pode ser similar a outros, mas é ao mesmo tempo distinto, pois tem interesse próprio, singular.

Os procedimentos metodológicos, utilizados nessa investigação, compreenderam três fases, sendo uma primeira exploratória, a segunda mais sistemática em termos de coleta de dados e a terceira consistiu na análise e interpretação dos dados. No entanto essas fases não se deram numa ordem cronológica rígida, pois, em alguns momentos elas se superpõem.

Na primeira fase fui ao Parque duas vezes no mês de maio (dias 11 e 22) deste ano para entender um pouco mais sobre o Projeto Guarda Florestal Mirim, como funcionava, como surgiu e seus objetivos. Tive conhecimento da existência do Projeto durante minha participação na pesquisa para a Biblioteca Virtual do NEC da FEBF-UERJ em que foi feito um levantamento sobre as UCs da Baixada Fluminense e na qual trabalhei juntamente com outros colegas, fazendo visitaç o a campo e levantando dados sobre o com o PNMT. A pessoa a me acolher nesta fase explorat ria foi uma bi loga¹⁶ do Parque, que participou da constru o do Projeto e nos deu a percep o de ter que tinha participa o ativa em seu desenvolvimento. Essa fase serviu para que objeto e campo fossem definidos mais precisamente. Alguns dados j  foram obtidos a . Como o conhecimento do local, das atividades l  desenvolvidas, da equipe do Projeto, do que exatamente o projeto se tratava seu p blico alvo, sua hist ria. Em seguida foi explicitado   dire o do Parque e   bi loga de que tipo de pesquisa se tratava a que pretend mos realizar e quais seus objetivos¹⁷.

A segunda etapa correspondeu   coleta de dados realizada atrav s de trabalhos de campo. Os instrumentos utilizados foram: observa o direta, pesquisa documental e entrevistas semi-estruturadas. Em alguns momentos foi importante proceder ao entrecruzamento dos dados.

A observa o direta aconteceu ocorreu nos dias 06 de setembro e 02 de outubro pela manh . Neste  ltimo dia foi feito registro fotogr fico da turma durante as atividades. Anteriormente  s observa es solicitamos autoriza o   dire o e n o foi fixada uma data para ela acontecer, ficando livres para realiz -la em qualquer dia. Nenhum dos alunos tinha

¹⁶ Esta bi loga, hoje n o mais trabalha no PNMT. O motivo de sua sa da n o foi de meu conhecimento.

¹⁷ Uma exig ncia da dire o do Parque para que pud ssemos realizar o trabalho de campo e ter acesso a informa es,   que fosse entregue   ela um resumo do projeto de pesquisa, e que nele contivesse dados com a identifica o da institui o de ensino e da pesquisadora. Sendo assim, no dia 07/08/07 essa exig ncia foi cumprida e foi dada a autoriza o pela diretora do Parque.

conhecimento de nossas intenções e apenas um dos três professores e o coordenador do Parque sabiam de nosso objetivo ali. Nesses dias não houve interação com os sujeitos do Projeto, nem com as atividades desenvolvidas. Essa aproximação proporcionada pela observação direta foi importante para que tivéssemos a noção de como o Projeto acontecia na prática e sentíssemos sua “atmosfera”. Vale ressaltar que a observação também aconteceu na fase exploratória e nos dias de entrevista apesar de não estarmos ali com o foco voltado para a observação sistematizada.

Uma questão metodológica fundamental foi a delimitação do número de escolas e o estabelecimento das mesmas. O critério de pertencimento ao entorno do parque foi o primeiro a ser utilizado. São elas: E.M. Almirante Tamandaré, E.M. Professora Maria Araújo da Silva e E.M. Francisco Barbosa Leite e E.M. Barão da Taquara. Dentre as quatro escolas citadas, participaram as três primeiras. A última escola não foi selecionada, devido ao fato de trabalhar nela como professora e buscar garantir certo distanciamento; além de evitar que qualquer resultado pudesse soar como tendencioso ou induzido pela minha aproximação com os sujeitos do estudo.

Outro motivo de relevância na escolha das escolas, foi o fato de a direção do Parque considerar importante que a EA do Parque como um todo, e o Projeto Guarda Florestal Mirim mais especificamente, envolva a comunidade do entorno no intuito de garantir a preservação e o cuidado com esta UC.

3.3.1 Análise documental

Na pesquisa documental tive acesso ao projeto escrito¹⁸ para o Guarda Florestal Mirim, ao Plano de Manejo do Parque, ao cronograma das atividades e à lista de alunos da primeira turma. Esses documentos não podiam ser reproduzidos, mas era permitida a observação e cópia parcial, com exceção da listagem dos alunos que nos foi entregue uma cópia. O primeiro acesso a documentos ocorreu já na fase exploratória, no dia 11 de maio em que tive acesso ao projeto escrito. No dia 16 de outubro consultei o cronograma de atividades, listagem dos alunos e professores da primeira turma (primeiro grupamento), o Plano de Manejo do Parque, e novamente o projeto escrito. Apesar de estar acompanhando o trabalho da segunda turma (segundo grupamento), me foi vedado o acesso aos documentos referentes à ela sob a alegação de que a Petrobrás tinha os direitos exclusivos sobre essas informações. No

¹⁸ A direção do Parque autorizou o acesso ao projeto original. Segundo a equipe há uma segunda versão posterior com algumas alterações que poderiam me ser passadas apenas verbalmente.

entanto as informações mais relevantes foram adquiridas nas entrevistas, como a relação dos professores que trabalham no Projeto. Soube a relação exata do número de alunos da segunda turma quando tive acesso ao convite de sua formatura, que foi distribuído a eles; mas o nome de todas as escolas envolvidas não foi possível saber. Também não foi consultado o cronograma de atividades, mas ele em muito se assemelha ao da primeira turma, pois, os objetivos e conteúdos abordados foram mantidos.

3.3.2 As entrevistas

A modalidade de entrevista selecionada para aplicação na pesquisa foi a semi-estruturada uma vez que, conforme Lüdke e André (op. cit., p.34), “se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações”.

O primeiro grupo a ser entrevistado foi a equipe do Projeto e a diretora do Parque - a qual também está envolvida diretamente nas atividades cotidianas do Projeto-. Elas aconteceram nos dias 03, 04, 06 de agosto e 02 de outubro. No dia 03 procedemos à entrevista com o professor do projeto, no dia 04 com o biólogo do Parque, no dia 06 com a diretora do Parque e no dia 02 com o coordenador do Parque (também é biólogo)¹⁹.

O segundo grupo foi o de alunos participantes do Projeto, de seus respectivos professores e equipe pedagógica de suas escolas. Abre-se uma exceção para a E M Profª Maria Araújo onde a entrevistada foi a vice-diretora e não orientadora. Devido ao fato de na escola ela ser a pessoa com mais contato com a equipe do Parque pensei que pudesse trazer maior riqueza de informações.

Essa etapa foi cumprida no dia 14 de novembro quando as visitei e solicitei autorização para entrar na escola e fazer as entrevistas.

Primeiramente busquei o número de alunos de cada escola que participava do Projeto, se eram da mesma turma ou de turmas diferentes e qual seu horário de estudo na escola, se no turno da manhã ou no da tarde. Essa última informação era importante, pois minha possibilidade era de entrevistar alunos que estudassem de manhã (e que, portanto, participavam da turma da tarde do Projeto) devido ao compromisso com meu trabalho de professora no horário da tarde que me impossibilitava de realizá-las nesse horário.

¹⁹ Hoje, também trabalham no Projeto uma professora (formação em letras) e a coordenadora do Projeto, mas na época das entrevistas eram recém chegadas, trabalhavam como voluntárias e sua contratação ainda não era definitiva. Daí o motivo de não serem entrevistadas.

A informação do número de turmas da escola com alunos do Projeto era importante para levantar o número de professores e estabelecer quantos deles seriam entrevistados.

O critério de escolha para o componente das equipes pedagógicas das escolas foi o que trabalhasse e mais tempo na escola, por entender que ele poderia responder mais precisamente às questões que versam sobre a relação entre o Parque e sua escola, e sobre o cotidiano escolar. Para a escolha do professor, o primeiro critério foi o que tivesse maior número de alunos no Projeto e o segundo, o que fosse mais antigo na escola. O critério de seleção dos alunos foi que tivesse a maior idade.

Depois de coletar dados e aplicar os critérios, formou-se o seguinte quadro de entrevistados:

- a) E.M. Almirante Tamandaré: professora Cátia Simone (ensino médio de formação de professores); orientadora pedagógica Kátia; e o aluno Jorge de 10 anos do 5º ano de escolaridade.
- b) E.M. Francisco Barboza Leite: professora Miriam (licenciada em Biologia); orientadora educacional Roberta Macedo (psicopedagoga e mestre em Educação); e a aluna Ana Paula de 11 anos, do 5º ano de escolaridade.
- c) E.M. Professora Maria Araújo: professora Clemilda (pós graduada em psicopedagogia); vice-diretora Adília; e o aluno Pedro de 9 anos do 3º ano de escolaridade.

Todos os entrevistados autorizaram a gravação em áudio das entrevistas e diante das opções de serem referidos com um nome fictício ou o real, optaram pelo seu próprio nome. Com exceção dos alunos, pois, seus responsáveis não foram contactados para este pedido de autorização. Acredito que seria interessante para uma análise mais aprofundada e para obtenção de maior riqueza de dados, envolver mais escolas, alunos e professores, no entanto, essa tarefa tornar-se-ia inexequível dada a limitação do tempo para a execução da pesquisa e falta de disponibilidade do mesmo por mim.

CAPÍTULO 4

O CONHECIMENTO SOBRE A TRILHA ESCOLHIDA: A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O PARQUE NATURAL MUNICIPAL DA TAQUARA

Na concepção da atual administração do Parque a Educação Ambiental é a missão desta UC e um de seus temas preferidos. Ela é desse modo, entendida como um aspecto fundamental e uma condição para a garantia da preservação da Unidade. Esta posição, esta decisão política, que segundo a direção foi tirada em reunião da equipe do Parque (diretora, biólogos, professores e coordenador) é justificada também pela afirmação de que a EA é preconizada pelo Plano de Manejo. A Educação Ambiental aparece como um item da parte dedicada às justificativas para o Plano de Manejo:

Área de atividades de Educação Ambiental e Pesquisas Científicas: no interior do Parque serão desenvolvidas atividades educacionais voltadas para a área das ciências ambientais, atingindo desde o ensino fundamental até o superior. Além dessas práticas educacionais, o Parque tem potencial para o desenvolvimento de pesquisas científicas de alto padrão, todas voltadas para o ramo ambiental. (plano de manejo, 2000)

A EA de UCs assim como a de outros espaços que não o da escola é definida pela maioria dos educadores ambientais como EA Não-Formal, e é essa denominação que utilizamos aqui. No entanto, vale trazer presente as observações de Quintas (2004) a esse respeito. Segundo o autor é habitual encontrar em documentos oficiais, como na Lei 9.795/99 da Política Nacional de Educação Ambiental, esta denominação (Educação Ambiental Não-Formal) para processos educativos praticados fora do currículo escolar. Pode-se conhecer bastante sobre EA Formal, mas continua-se ignorando o que qualifica a chamada EA Não-Formal. “[...] *negar o que um objeto é nem sempre é a melhor maneira de caracterizá-lo*”. (QUINTAS, op. cit, p. 116)

São apontadas pela equipe gestora do Parque as seguintes atividades de EA no Parque:

- A Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Turismo de Duque de Caxias utiliza o espaço do Parque para fazer duas vezes ao ano uma caminhada ecológica, guiada por um biólogo da Unidade, com um grupo de idosos que participam de um projeto voltado para a terceira – idade.

- Visitas guiadas: escolas da rede pública ou privada de ensino assim como quaisquer outros grupos podem agendar uma visita guiada por um biólogo do Parque e realizar trilhas. Durante a trilha o biólogo apresenta o Parque ao visitante, orienta para o comportamento adequado numa UC, fala das características do bioma Mata Atlântica, seus animais, suas curiosidades e das especificidades do Parque.
- “Trabalho de Conscientização Ambiental”: é assim chamado pelo seu idealizador, o coordenador do Parque, a atividade desenvolvida por estagiários do curso de Biologia da Unigranrio aos domingos, onde um grupo de aproximadamente 20 alunos cata o lixo deixado no Parque pelos visitantes e distribuem a eles saquinhos para que possam depositar e recolher seu lixo ao saírem do Parque.²⁰
- Guarda Florestal Mirim: descrito em detalhes a seguir.

4.1 O Projeto Guarda Florestal Mirim

Segundo o resumo que consta no projeto, o Guarda Florestal Mirim é um projeto de Educação Ambiental que tem como público alvo alunos de 7 à 14 anos da rede pública municipal de ensino de Duque de Caxias, com duração de dois anos. Tem como objetivo oferecer uma formação ambiental voltada para preservação e respeito ao meio ambiente, além de formar multiplicadores de uma nova consciência ecológica. Os alunos são conduzidos ao PNMT, para aulas teóricas e práticas, duas vezes por semana sobre diversos temas relacionados ao meio ambiente, prevenção de incêndios e queimadas, primeiros socorros, histórico da Mata Atlântica e outros.

O objetivo geral descrito no projeto é: Fundamentar os alunos das escolas da rede pública de educação através de cursos teóricos e práticos sobre Educação Ambiental, dos conhecimentos necessários sobre as características, necessidades e importância da Mata Atlântica, levando-os a refletir sobre a preservação e recuperação das áreas verdes; sobre questões éticas, filosóficas que norteiam o meio ambiente conscientizando-os de sua função de multiplicadores e orientadores na sua comunidade onde vivem; com os visitantes do Parque Natural Municipal da Taquara, no exercício e conhecimento de sua cidadania.

²⁰ As três primeiras atividades citadas não foram observadas por fugirem ao escopo deste trabalho.

Os objetivos específicos são: conhecer os princípios básicos de conservação e preservação do meio ambiente no seu município; adquirir conhecimentos técnicos de primeiros socorros, sobrevivência na mata e preservação ambiental, estabelecendo relações interdisciplinares entre esses conteúdos; orientar e informar os visitantes do Parque Natural Municipal da Taquara.

O Projeto que tem duração prevista para dois anos, iniciou-se em março do ano presente e se divide em quatro etapas (estas se referem aos semestres do ano). Cada uma dessas etapas compreende uma turma diferente de alunos. Ao final do ano de 2008, quando deve se encerrar, o Projeto terá contado com a participação de 4 turmas. Cada etapa está organizada em 5 níveis com duração de 1 mês cada um. Na tabela abaixo encontra-se o nome de cada nível e seus objetivos:

1º nível	<i>Soldadinho Verde</i>	Desenvolver disciplina em conjunto; conhecer o histórico da Mata Atlântica; obter noções básicas de legislação ambiental; e desenvolver a consciência crítica e ambiental.
2º nível	<i>Protetores da mata</i>	Conhecer e respeitar o meio ambiente; identificar espécies mais expressivas na Mata Atlântica; noções de técnicas de reflorestamento; e conhecer a importância da água para a sociedade e para a floresta.
3º nível	<i>Defensores da natureza</i>	Usar mapas e equipamentos de orientação na floresta; adquirir noções de comportamento em trilhas e manutenção; obter noções básicas de prevenção a incêndios; e conhecer outras áreas de preservação e importância ambiental no município.
4º nível	<i>Guardiães do meio ambiente</i>	Obter noções básicas de primeiros socorros; conhecer os diferentes tipos de queimas, modo de prevenção e noções de resgate; obter noções de orientação aos visitantes do PNMT; e conhecer táticas para salvamento de animais feridos.
5º nível	<i>Comandante Mico Leão Dourado²¹</i>	Devem ser capazes de desenvolver as habilidades propostas.

²¹ O Mico Leão Dourado (espécie com ocorrência registrada no Parque) é o mascote do *Guarda Florestal Mirim*, tendo sido escolhido como tal pela primeira turma.

O Projeto do Guarda Florestal Mirim foi pensado e escrito em 2005, pela atual diretora do Parque, na função desde o referido ano, pelo Biólogo do Parque e por uma professora de Biologia que à época trabalhava no Parque. No início deste ano foi elaborado pelo professor do Projeto, pela bióloga que trabalhava nele e pela diretora do Parque um material didático, uma cartilha, para o Projeto. Dela, são extraídas apenas algumas atividades, pois ainda não foi impressa para ser distribuída aos alunos.

Concluída esta etapa ele foi levado à Petrobrás com o objetivo de que fosse firmado um acordo com esta estatal para patrocínio do Projeto. Dois anos depois, em julho deste ano, foi assinado um convênio entre a Prefeitura e a Petrobrás (ver anexo C/foto 1) e ficou firmado o investimento de 800.000 reais para o desenvolvimento do Projeto a serem feitos por esta empresa. A Organização Não-Governamental (Ong) Iquavi²² foi escolhida para captar e administrar a verba destinada ao Projeto.

Segundo informações prestadas pela diretora e pelo coordenador do Parque, esta parceria deixará um legado de equipamentos de infra-estrutura tecnológica como computadores, fax, data-show, dois carros (sendo um utilitário para deslocamento dos alunos) e reforma do horto. Como os recursos só chegaram ao Parque em setembro, já no curso da segunda turma; o trabalho com o primeiro grupo se realizou com recursos próprios da Prefeitura e de algumas parcerias: para a alimentação houve doação de lanche para os alunos e almoço para a equipe do Projeto advindo de duas escolas (E.M. Professora Maria Araújo e E.M. Barão da Taquara) vizinhas ao Parque; para a locomoção dos alunos até o Parque e para saídas, são utilizados veículos de transporte coletivo de posse particular de dois vereadores do município.

4.1.2 A equipe do Projeto

Compõem a equipe do Projeto atualmente, a diretora do PNMT (pedagoga com MBA em administração e é envolvida em todas as atividades do Parque), o coordenador do PNMT (biólogo e dá aulas na sede e na floresta), o biólogo do PNMT (cedido da SME, dá algumas palestras e faz algumas trilhas), um professor (formação em História, atua como professor no Projeto cedido da SME), um funcionário contratado (cargo de confiança, sem formação superior, ajuda a organizar os alunos nas aulas, trilhas e passeios fora do Parque), uma

²² Instituto de Qualidade de Vida. Escolhida de comum acordo entre o Parque e a Petrobrás, segundo o coordenador do Parque.

professora (com formação em letras), a coordenadora do Projeto (formação em Direito), uma secretária e uma auxiliar de serviços gerais.

A diretora, o biólogo, o coordenador do Parque e o funcionário contratado já trabalhavam no Parque antes do Projeto se iniciar. A professora, a coordenadora do Projeto²³, a secretária e a auxiliar de serviços gerais para o Parque contratadas pela Ong²⁴, especialmente para o Guarda Florestal Mirim.

4.1.3 As escolas no Projeto

A idéia inicial era de se trabalhar em cada semestre com escolas de um dos quatro distritos do Município de Duque de Caxias; neste primeiro ano com o 3º e 2º distritos e no segundo ano com 4º e 5º distritos. Todavia não se deu dessa forma: no primeiro semestre do ano o Projeto envolveu de fato escolas do 3º distrito, mas agora no segundo continuaram com o 3º sendo apenas ampliado para o 4º distrito. Segundo a direção, a explicação para ter se começado e continuado o trabalho com o distrito em que o Parque está inserido, se deu em função de considerarem a comunidade do entorno essencial para assegurar a preservação do PNMT. Realmente, o território de uma UC, como o PNMT com suas características da categoria de proteção integral, só terá sua preservação garantida quando for legitimado como tal pelos sujeitos que usufruem desse espaço.

Associado a isso, há dificuldade no transporte de alunos advindos de locais distantes do Parque, que é um local de difícil acesso. A previsão é que as turmas do ano de 2008 continuem sendo compostas prioritariamente por alunos de escolas²⁵ do 3º distrito. No primeiro semestre do Projeto todas escolas do 3º distrito foram convidadas através da Secretaria Municipal de Educação (SME- Duque de Caxias) a participar do Projeto enviando 6 alunos. No entanto, nem todas mandaram alunos ou preencheram todas as vagas. Segundo o documento com a lista que nos foi cedida com a relação dos alunos, no primeiro grupo participaram 60 alunos vindos de doze²⁶ escolas do 3º distrito e de uma escola do 4º distrito,

²³ Segundo informou a direção do Parque durante o período das entrevistas ela deveria sair para ceder lugar a uma pessoa que viria da Ong para coordenar o Projeto, no entanto, isso não ocorreu e ela se efetivou na função.

²⁴ Essas pessoas não eram da Ong e sim, foram indicadas pela direção do Parque. Durante o período das entrevistas (setembro de 2007) elas estavam iniciando o trabalho no Projeto e trabalhavam como voluntárias. Após a verba da Petrobrás ter sido liberada, se iniciou o processo de contratação.

²⁵ Ver anexo C/foto 2. Fotografia da faixa afixada nas escolas que participam do Projeto.

²⁶ Há divergência quanto a esse número. O professor do Projeto e a Bióloga que trabalhava nele à época disseram que nem todas as escolas preencheram as vagas, já a diretora disse que todas as 26 escolas do terceiro distrito participaram, enquanto que no documento constam apenas 12.

numa exceção que abriram. No segundo semestre participaram 86 alunos²⁷. Desta segunda turma participaram novamente 4 alunos da primeira. Segundo a equipe mostraram-se interessados em voltar e participam quando sentem-se à vontade, não tendo uma função especial no Projeto e às vezes auxiliam seus professores.

4.1.4 Os alunos do projeto

O *Guarda Florestal Mirim* tem como público alvo alunos do primeiro segmento do Ensino Fundamental, e conforme já foi dito, que tenham de 7 à 14 anos. A escolha destes alunos deve obedecer a critérios pré-estabelecidos pela equipe do Projeto. São eles: assiduidade, bom comportamento e boas notas na escola. Esses critérios são passados à direção das escolas que por sua vez o repassam aos professores dos alunos para que façam as indicações. Segundo a diretora do Parque, “esse projeto pretende ser um prêmio e elas (as crianças escolhidas) servirão como modelo para outras crianças da escola”.

Após a escolha na escola é necessário que o responsável dê sua autorização e providencie um atestado médico. Antes de iniciar os trabalhos com uma turma há uma reunião entre um representante da escola (preferencialmente da direção), os responsáveis dos alunos e a equipe do Projeto onde é falado sobre as características e dinâmica do trabalho.

4.1.5 A dinâmica do Projeto

As aulas acontecem duas vezes por semana (às terças e sextas-feiras) e em dois horários: pela manhã (de 9 às 11h) e pela tarde (de 13 às 15). São, portanto, dois grupos e os alunos freqüentam no contra-turno de estudo na escola.

As turmas são denominadas de *Grupamento* e classificadas conforme a ordem de participação no Projeto. Sendo assim, o *Primeiro* e *Segundo Grupamentos* foi o nome dado às turmas do primeiro e segundo semestre do ano, respectivamente. São também chamados de *tropa*.

Todos os dias, no horto onde está instalada a sede do Parque, as aulas se iniciam com o canto solene do hino nacional (ver anexo D/foto 1) onde dois alunos são convidados a segurar a bandeira nacional aberta, um play-back do hino toca e todos acompanham cantado. Para tanto é necessário que um total clima de ordem e silêncio seja instalado no ambiente. Devem

²⁷ Essa informação foi coletada através do acesso ao convite de formatura dos “Guardas Florestais Mirins”, pois não nos foi disponibilizada pela equipe do Projeto.

estar organizados em fila, na chamada “forma”, a qual será detalhada no próximo capítulo. Segundo os três alunos entrevistados, para ajudar os professores a manterem a disciplina, a cada dia é escolhido um “aluno-xerife”, que é um aluno que vai chamar a atenção dos colegas que não se comportarem “adequadamente”, mostrar ao professor e tirar pontos²⁸ deles.

As aulas práticas e teóricas acontecem no horto (ver anexo D/foto 2), no auditório (ver anexo D/foto3) e nas trilhas do Parque. Há também muitas saídas (ou passeios) em locais como o Corcovado, o Jardim Botânico do Rio de Janeiro, sede da Marinha, Quinta da Boa Vista, Jardim Zoológico, Museu de Astronomia e base do Corpo de Bombeiros.²⁹

A segunda turma participou de desfiles cívicos no mês de setembro em diversos locais do município.

²⁸ Segundo os alunos entrevistados, cada aluno entra no Projeto com 10 pontos e vai perdendo à medida que foge às regras. Quando chega a 5 ou 4 pontos a diretora do Parque conversa em particular com o aluno. Se chegar a 0 (zero) é convidado a se retirar do Projeto. Cada aluno tem uma ficha de controle.

²⁹ Uma dessas saídas, como a feita ao Corpo de Bombeiros em que aprenderam a combater incêndio, é com o objetivo de realizar uma espécie de aula de campo.

CAPÍTULO 5

A TRILHA PERCORRIDA: A COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

Introdução: A formação de uma “tropa de elite”

As turmas do Guarda Florestal Mirim são chamadas pela equipe do projeto de Grupamento e de Tropa³⁰, assim, a turma com a qual realizamos as observações era chamada de Tropa do Segundo Grupamento. No dia 05/07, dia Internacional do Meio Ambiente, quando foi assinado o convênio com a Petrobrás e a Ong Iquavi,(Instituto de Qualidade de Vida) o prefeito Washington Reis chegou a passar a Tropa em revista³¹. Essa informação foi nos passada pela diretora do Parque e a cobertura do evento se encontra disponível no site da Prefeitura de Duque de Caxias. Reproduzo aqui, apenas a foto, com o objetivo de tornar mais claro o exposto sobre a concepção militarizada que, como veremos, perpassa toda a metodologia e concepção do projeto.



Isto posto, a abordagem das atividades cotidianas, como já foi apontado, se dão sob uma metodologia militarizada o que explica a questão da disciplina ser algo tão valorizado

³⁰ Essas nomenclaturas, apesar de utilizadas no cotidiano do Projeto por seus sujeitos, não constam em nenhum dos documentos a que tive acesso.

³¹Primeira turma do Projeto. Foto disponível em www.duquedecaxias.rj.gov.br. Acesso em: 08 outubro 2007.

nesse Projeto. A serem perguntados como devem agir quando estão no Parque todos os três alunos se referiram categoricamente à disciplina. Jorge chegou a dizer que:

“Lá é que nem quartel. A gente tem que chegar lá e formar logo, já indo cobrindo, ficar na forma reta. Cobrir! Firme! Descansar! [...] Agora lá tem o xerife. Todo dia é escolhido alguém. É a pessoa que fica botando ordem lá, por exemplo, se a gente está fora da posição ele manda a gente formar e depois ele vai entregar a pessoa pro professor falar pra gente ficar nas posições”. E tem que fazer o quê? ”O que eles mandarem. Eles mandam a gente não jogar lixo no chão. Se alguém sair da disciplina ela pode ficar de castigo ou ser mandado embora do Guarda Mirim. Tem gente que bagunça muito e fica virada de frente pra parede. A diretora vai falar com ela, dizendo que ele vai ter que sair se continuar assim.”

Na fala de Pedro nota-se que a disciplina é uma condição para a permanência no grupo:

Lá tem que ter disciplina, muita disciplina. Quando o aluno não fica na disciplina vai perdendo ponto. A gente tem dez pontos e vai perdendo ponto. Se perder 10 pontos a pessoa sai.

Tanto nas observações quanto nas entrevistas percebeu-se que a palavra disciplina é todo o tempo evocada. Para ajudar na manutenção da disciplina, tem a figura do xerife- aluno que observa se os outros estão respeitando as normas, faz uma advertência verbal ou passa aos professores, anota o ocorrido para posteriormente, se for o caso, tirar pontos desse colega-. Além do xerife, segundo Ana Paula, os alunos antigos também tem essa função³².

Lá tem que agir com disciplina. Disciplina total. Eu sou aluna antiga e a diretora me escolheu pra participar de novo. Os alunos antigos fazem a forma numa fila diferente. Eu posso tirar ponto dos outros. Quando o aluno entra a gente tem dez pontos e vai perdendo. Quando chegar a 5 ou 4 a diretora chama pra conversar. A minha função é dar disciplina. A gente chama a atenção do aluno que não respeita as ordens do professor. Se não respeitar a gente, nós tiramos pontos. [...] Se não se comportar fica sentado lá no banco.

Essa metodologia militarizada não está expressa em nenhum documento cedido, e pela formação da equipe é algo que não se explica, pois é formada por pedagoga, professores e biólogos. O que poderia dar essa conotação é apenas um dos objetivos previstos para o primeiro nível: “Desenvolver a disciplina em conjunto”.

³² Cabe lembrar que nas forças armadas antiguidade é posto.

Todos os dias o hino nacional (ver anexo D/foto 1) é cantado e todos devem estar organizados em filas e em absoluto silêncio, como sinal de respeito a ele. Para essa organização fazem a chamada “forma”, ou seja, devem manter a distância exata um do outro (o que é medido pelo braço esticado sobre o ombro do colega à frente) e “firmes” (com braços esticados e paralelos ao corpo, pernas juntas e corpo ereto) e ao final, “descansar”. São essas as palavras de ordem: “Grupamento, cobrir!”; “Grupamento, firme!”; “Grupamento, descansar!”. A aluna Ana Paula coloca que:

Se não se comportar na hora do hino o professor chama a atenção e pode até cantar o hino sozinho. Toda terça e quinta tem o hino. O hino é uma coisa sagrada lá no curso.

Os passeios que o grupo faz também são utilizados como premiação para os alunos que cumprem as regras e para a manutenção da disciplina.

O aluno que não se comportou, que não entrou na forma na hora certa, não vai aos passeios. Se não se comportar bem fica sentado lá no banco. A gente tendo um comportamento bom a gente ganha passeio, ganha um dia de lazer... outro dia a gente tomou banho de cachoeira por exemplo.(Ana Paula)

O grupo de alunos que participa do Guarda Florestal Mirim foi selecionado pelas escolas segundo critérios definidos pela equipe do Parque. Desse modo, chegam ao Parque alunos assíduos, com bom desempenho cognitivo e com “bom comportamento”. Ao serem perguntados se concordavam com tais critérios ou se pensariam em outros possíveis os professores afirmaram concordar com eles. As professoras Mirian e Cátia mencionaram o critério da liderança que não foi registrado como critério pela equipe do Parque.

São alunos com boa frequência, com bom desempenho, são alunos que têm atitude de líder diante da turma, que converse, que fale. (Mirian)

A diretora do Parque justifica a escolha desses critérios dizendo que:

Esse Projeto pretende ser um prêmio e elas servirão como modelo pra outras crianças da escola [...] espero que essas exigências possam fazer com que os alunos (outros alunos da escola que queiram participar) se esforcem mais.

São critérios que não contemplam os posicionamentos dos alunos, seus questionamentos, seu interesse, sua postura crítica e curiosa frente às questões ambientais e que podem ser observáveis pelo professor no contato cotidiano com o aluno. Eles coadunam para que acreditem e busquem ser um “grupo seletivo” com status na sua comunidade e escola. Esse sentido fica expresso no grito de guerra dos Guardas Mirins em que o professor pergunta: “-Guardas Mirins, o que é que nós somos? Somos a ...” e as crianças respondem em alto e bom tom: “- Elite!”.

[...] e ele fala : ”-Não estou escutando muito bem, somos a...” E a gente responde alto: “-Elite”. (Pedro)

Além disso, o Guarda Florestal Mirim é muito veiculado na mídia municipal (jornais Canal Cidadania de 04/07/07; O Municipal e DC News³³) e estadual (Jornal O Dia de 03/06/07 e Extra de 06/06/2007). Tem uma boa exposição, como é o caso dos diversos desfiles cívicos³⁴ de que participaram; também estiveram presentes na Câmara Municipal para prestigiar uma premiação feita à diretora do Parque; foram convidados a estarem presentes num evento com o Prefeito do município e seus cargos de confiança e a formatura deles também acontece na Câmara. Em todas essas circunstâncias devem estar trajando o uniforme do Projeto³⁵.



³³ Os jornais O Municipal e DC News com matéria sobre o Guarda Florestal Mirim encontravam-se no mural do Parque e não havia a referência da data de publicação.

³⁴ “Quando tem desfile a gente treina a marchada”.

³⁵ Como observamos na fotografia, os alunos vestem calça bege; chapéu e camisa camuflados. Esta última contém na sua parte de trás, estampados os logotipos da Petrobrás, da Prefeitura, da Ong Iquavi e as palavras Parque Taquara. Portam nos pescoços um lenço amarelo que segundo uma aluna é para ser utilizado em caso de ferimentos na mata.

A questão da disciplina e da conduta “correta” como elemento balizador do Projeto, bem como sua relação, como sua veiculação como modelo de uma juventude disciplinada³⁶ e “responsável” pelo meio ambiente nos insere na “atmosfera” vivida no Projeto e observada nas visitas. É nesta atmosfera, embora também na experiência vivida por cada ator social que o compõem, que pode-se analisar as diferentes percepções existentes sobre o projeto. As entrevistas realizadas com cada um dos grupos sociais (alunos, professores, equipe pedagógica e equipe do Parque) estão expostas a seguir.

5.1 Entrevista com os alunos

5.1.2 O Guarda Florestal Mirim para os alunos

Com o objetivo que os alunos expressassem sua idéia do Guarda Florestal Mirim foi feita uma questão ampla³⁷ que deixava-os livres para falar do Projeto. Para que se tenha uma visão mais aproximada o possível da percepção do público alvo deste Projeto, foram transcritas na íntegra suas respostas:

“Eles falam pra gente cuidar do meio ambiente pra cuidar do nosso país. Lá não pode tirar nenhuma planta de lá.” E se tirar, o que acontece? “Se tirar os professores dão só esporro aí o aluno fica de cabeça baixa. Respeita, dá disciplina, ensina a respeitar os mais velhos, muitas coisas.” (Pedro)

Eu acho muito legal, eles ensinam a gente a tratar o meio ambiente, como cuidar... Porque a gente ajuda a natureza e ela é uma coisa muito importante pro nosso mundo. (Jorge)

³⁶ É importante deixar claro que fui surpreendida com os procedimentos adotados pelo Projeto. Assim, aponto de imediato a necessidade de um aprofundamento sociológico na proposição de Educação Ambiental observada. Dois caminhos, mesmo que aqui se apresentem apenas como sugestões, me parecem promissores (e não excludentes). Um deles parte da inter-relação entre a história de coronelismo e violência vivida na Baixada Fluminense e imortalizada pela figura de Tenório Cavalcanti e a formação dos “grupamentos” de milícias, ainda tão presentes na região. Outro ponto é o desenvolvimento de práticas de cunho facista, tal como a higiene e o culto ao corpo na época de Getúlio Vargas, substituídas na atualidade pelo cuidado ambiental. Cabe ressaltar ainda, o espaço que a mídia oficial tem dado ao projeto, buscando sempre associar a formação desta “juventude sã e ambientalmente correta” ao cargo máximo do poder municipal.

³⁷ *Fale sobre o Guarda Florestal Mirim do qual você participa.*

A gente aprende a usar o rádio se se perder na mata, primeiros socorros, a gente tem um lencinho e aprende a usar se alguém se cortar. A gente aprende a preservar o meio ambiente, não poluir a água, economizar água, preservar as matas, não cortar árvores. (Ana Paula)

Os passeios, as visitas que fazem a outros lugares é algo que muito os atrai. Quando a pergunta foi o que mais gostavam no Projeto, de imediato Pedro e Jorge os citaram.

Os passeios. Fomos ao Museu de Astronomia e na Marinha³⁸ a gente ainda vai. (Pedro)

São os passeios. No zoológico que ensinou a gente sobre os animais. E também as caminhadas que a gente faz por lá que ensinam a gente sobre os tipos de planta, árvore, se a árvore é venenosa, se a trepadeira está matando ela. (Jorge)

É importante atentarmos-nos para o fato de que os alunos das escolas públicas do entorno do Parque (não só destas localidades, mas como do município como um todo) é formada por uma clientela carente de recursos financeiros, na sua grande maioria. Dado o valor do transporte dessa região da Baixada ser um dos maiores de todo o Estado, muitos deles sequer tiveram a oportunidade de cruzar a Linha Vermelha para conhecer tais lugares. Esse é um dos fatores que pode explicar essa preferência e tanto gosto por passeios.

Apenas Ana Paula não os mencionou nesse momento³⁹. Ela, assim como Jorge, se referiu às atividades e aulas práticas no Parque:

Sobre as ervas que servem pra remédio, mas o que eu mais gosto é sobre os primeiros socorros. Porque a gente aprende a socorrer um colega que caiu... se a professora torcer o braço a gente aprende a fazer atadura...

Caminhou nesse sentido a resposta de Ana Paula sobre o que havia aprendido de mais importante no Projeto, e acrescentou o aprendizado sobre a diferença entre plantas medicinais e venosas. Pedro teve dificuldade em responder:

Não me lembro muito bem...
...A gente aprende a conservar o meio ambiente. A não desperdiçar água, não deixar a lâmpada muito ligada pra não gastar energia... Isso é muito importante pra ajudar nosso planeta.

³⁸ No dia 02/10 em que procedia à observação, metade do tempo foi dedicada ao ensaio do Hino à Bandeira, pois, no dia 25/10 visitariam a Marinha do Brasil e receberiam de presente a bandeira nacional.

³⁹ Em outro ponto da entrevista diz que o passeio que mais gostou foi para o Cristo Redentor.

Jorge disse que o que aprendeu de mais importante foi

Preservar a natureza, porque se a gente não preservar a natureza o mundo vai se acabar e o aquecimento global continua aumentando.

No entanto quando foi perguntado a ele sobre o que sabia sobre aquecimento global, respondeu:

“Não sei muita coisa não.” Se não combatermos o que ele fará de ruim? “Se a gente não cuidar da natureza ele vai acabar nos matando” O que te ensinaram no Projeto sobre esse assunto? “Hoje a gente vê na TV que as pessoas estão morrendo por causa dele, estão ficando sem oxigênio, essas coisas...” Então o que devemos fazer? “Preservar a natureza, aí a gente vai ajudar a terminar com o aquecimento global.

Muito pode ser extraído dessas falas. A natureza e o planeta aparecem quase como entidades abstratas que clamam socorro e que sem a devida preservação, o devido cuidado, incorre-se no risco de sua destruição. Dão-se conta do problema, mas à medida que desconhecem suas características e suas reais conseqüências (muito menos ainda suas causas e causadores) tornam-se impossibilitados de resolvê-lo e/ou buscar soluções.

Ao serem perguntados sobre o que mudou em suas vidas após a entrada no Guarda Mirim, os três alunos demonstraram estar mais responsáveis com as tarefas diárias que cabem a eles. Jorge e Ana Paula incluíram a sua relação com o meio ambiente.

Eu jogava lixo no chão, não joga mais. Quando sair de casa tem que levar uma sacolinha. Não precisa jogar pela janela da Van ou do ônibus. (Ana Paula)

E Jorge explica o que é cuidar do meio ambiente para ele:

“Antes eu não cuidava do meio ambiente. Agora falo pro meu pai e minha mãe pra não jogar lixo no quintal” Como se cuida do meio ambiente? “[...] É reciclar, não jogar lixo no chão, colocar filtro de ar na chaminé que solta muita fumaça.” Mas colocar filtro em chaminé você não pode fazer... “Eu posso falar pras pessoas não jogarem lixo na rua, não deixar água derramando, não deixar a bica aberta.” Já teve a oportunidade de falar isso pra alguém? “Ainda não tive muita não”. (informação verbal)

Outra questão da entrevista era se havia algo no Projeto que não se agradassem muito e que considerassem poder ser melhor. A resposta de todos foi que não havia nada.

5.1.3 Os alunos e seu entendimento sobre Unidade de Conservação

Buscando entender a relação entre o Parque e os sujeitos do Projeto, tendo em vista a expectativa colocada tanto no projeto escrito como nas entrevistas com a Equipe do Parque quanto a uma maior preservação deste território como resultado trabalho desenvolvido no Guarda Florestal Mirim, os alunos foram perguntados sobre o que queria dizer as expressões *Parque Natural Municipal da Taquara*, *Unidade de Conservação* e qual a importância deste Parque.

Todos os alunos afirmaram nunca terem ouvido a expressão *Unidade de Conservação*.

Eu não sei dizer não. Eu acho que a gente vai fazer prova disso ainda. Eu não sei por que se chama Parque. (Pedro)

Ana Paula fez uma associação de significados de palavras para responder

“É um lugar conservado, um lugar limpo, onde tem uma planta pra dar um ar gostoso. Se eu varrer um lugar sujo, ele fica conservado.” E porque se chama Parque Natural Municipal da Taquara? “Por que ele pode ser pra todos, pros pais, pros alunos, professores”. (informação verbal)

Jorge demonstra um entendimento melhor ao menos no que diz respeito à questão legal que envolve a Unidade.

É um Parque Natural porque eles preservam muitas coisas lá, antes entrava macumba, essas coisas, agora não estão mais deixando desde quando o Parque começou a cuidar de lá. É o Parque Florestal, é um Parque preservado. E não vai poder pegar animais lá porque é proibido. (informação verbal)

Sobre a importância do PNMT tanto Jorge quanto Ana Paula falaram que lá tem cachoeira pra se tomar banho e que a temperatura lá de dentro é mais amena

Ao serem perguntados como as pessoas devem agir quando estão lá no PNMT, Ana Paula e Jorge expressam que tem que ser de um modo especial e os três fizeram menção ao recolhimento de lixo que fazem:

Às vezes a gente acha chinelo, vidro... pode causar fogo na mata. Lá não pode jogar lixo no chão... se o guarda (municipal) ver ele chama atenção. Outro dia uma menina jogou um pacote de biscoito no chão e ele falou “-Não joga lixo no chão,

olha os guardas mirins, eles estão tentando cuidar e vocês estão tentando poluir.”
(Ana Paula)

Quando vai lá o principal é não jogar lixo, porque vai ser um trabalho a gente ficar catando lixo direto. Segundo, é não urinar na água, não pegar peixe, não pegar muda. (Jorge)

Outro dia a gente pegou o maior bolsão de lixo lá (Pedro)

Ana Paula e Pedro disseram que a preocupação que têm em manter o meio ambiente conservado é a mesma tanto dentro quanto fora do Parque. Daniel demonstrou ter mais preocupação quando está lá, pois, segundo ele:

“Lá estamos no meio ambiente, então a gente tem que ter disciplina no meio ambiente e a preservação de lá é muito melhor do que a daqui de fora. Eu aqui cuido também: não jogo lixo no quintal” Tem alguma coisa que você faz aqui que lá dentro não faz? “Lá somos mais disciplinados porque temos o professor.” E em questão de preservação do meio ambiente? “É a mesma coisa.”

Nas duas questões direcionadas ao tema EA tiveram dificuldade em identificá-la como uma prática educacional, da qual diz-se que participam. Para eles EA é:

Plantar árvores, às vezes eu planto também lá em casa, árvore que traz oxigênio.
(Pedro)

Ana Paula tem uma visão muito associada à higiene:

Cuidar das plantas. O nome já diz: é você não poluir aquele ambiente que você convive... não botar fogo nas folhas. Pode ter uma pessoa botando roupa na corda que vai dar mal cheiro e pode ter um doente que vai ficar incomodado com aquela fumaça. A gente está educando a gente pra proteger o meio ambiente.

Jorge disse primeiramente que isso, não sabia responder. Quando perguntei se confirmava se o Guarda Mirim na era um Projeto de Educação Ambiental ele chegou à seguinte conclusão:

Acho que é passar pras pessoas a educação como cuidar do meio ambiente.

5.2 Entrevista com os professores

5.2.1 O entendimento sobre o Projeto

Apesar de terem seus alunos no Projeto e de participarem do processo de seleção, todas as três professoras acreditam não ter informações⁴⁰ que as permita defini-lo.

Pra ser bem sincera não sei nada. Eu não tive contato com os organizadores, com ninguém. Pelo o que ouço falar é bom e até complementa o trabalho da escola. Nós temos trabalhado muito a questão do meio ambiente e o contato que eles estão tendo enriquecem o nosso trabalho. (Cátia Simone)

O que chama a atenção da professora Mirian são os passeios e na sua fala percebemos que a parceria com a Petrobrás dá credibilidade ao Projeto:

As informações não são muitas, porque a gente fica centrado no trabalho de sala de aula. Eu sei que eles estão sempre saindo, visitas a pontos turísticos do Rio, Cristo Redentor, Jardim Botânico...Eu vejo o lado positivo do Projeto, pois desperta na criança um outro mundo. Sai da escola, sai do bairro. Detalhes do Projeto eu não sei te informar, mas sei que é uma coisa boa, construtiva da Petrobrás, bem organizado.

Clemilda toca na questão do objetivo do Projeto que lhe foi passada

Não sei muita coisa. O que sei é que é um trabalho que eles vão ser multiplicadores, eles vão estar aprendendo como proteger o meio ambiente, medidas pra proteger os insetos, os bichos, a botânica e que eles futuramente serão multiplicadores, que eles vão estar voltando pra escola deles e estar transmitindo lá o que eles aprenderam com os amigos.

⁴⁰ As informações que têm são as passadas pela direção da escola que tem contato com a direção do Parque, e as que os alunos trazem.

5.2.2 Repercussão do Projeto

As professoras afirmaram que seus alunos gostam de participar do Projeto e que demonstram bastante interesse por ele. Cátia Simone atribui esse interesse ao fato de ser um trabalho que foge à rotina.

Eles falam que gostam de participar, porque é uma coisa diferente. Quando é um trabalho fora de sala de aula o interesse deles é grande é uma novidade (informação verbal)

Ao serem perguntadas se percebem resultados concretos do Projeto através de seus alunos, Clemilda cita apenas as vivências pessoais de seu aluno:

A única diferença são as descobertas dele, que toda terça e quinta ele chega radiante pra dizer o que viu, o que vivenciou. Cada planta que conhece, os bichos, os passeios.

Miriam e Cátia Simone citam uma mudança no discurso de seus alunos em sala de aula quando o tema tem relação com meio ambiente. Mas não é possível perceber em suas falas que essas mudanças se deram apenas em função do Guarda Florestal Mirim. As duas mencionam uma facilidade anterior deles em apreender conteúdos.

A mudança foi pouca até porque eles já demonstravam a consciência da gente estar preservando o meio ambiente, mas está complementando o que a gente vem trabalhando na escola. Falam do contato com os animais...outro dia contaram como devo fazer se encontrar uma cobra...quando falamos sobre a questão da água eles falaram que se continuar usando a água sem controle ela vai faltar, da necessidade de estar sempre plantando árvores. (Cátia Simone)

Eles têm conhecimento teórico, são alunos inteligentes. Eles se colocam nas aulas, sempre dão uma palavra [...] Quando a gente entrou no projeto da escola sobre meio ambiente, sobre aquecimento global...eles têm um conhecimento prático e reforçam o que a professora fala. (Miriam)

5.2.3 A Educação Ambiental para os professores

Para as docentes Clemilda e Mirian, a importância e objetivos da EA estão ligados à busca por soluções dos problemas ambientais e que são mais fortemente veiculados na mídia.

Percebe-se nas suas falas que a questão da problemática sócio ambiental está muito restrita na preservação e conservação dos recursos naturais.

É importante trabalhar a EA face toda essa problemática do ambiente do aquecimento global, da escassez de água, do desmatamento. (Clemilda)

Além disso, Mirian trata a EA como uma disciplina do currículo e tal colocação se aproxima de uma perspectiva de Conservadora (que foi exposta no capítulo 1) que ao desarticular a EA das outras áreas do saber serve para sustentar uma visão desintegrada entre sociedade e natureza.

Como sou apaixonada pela aula acho muito importante, principalmente por tudo o que a gente está vivendo: esta questão do aquecimento global, dos recursos naturais que estão acabando” (Mirian)

Cátia Simone especifica quanto à forma como deve ser a EA para ela, e quanto à responsabilidade pela preservação dos recursos naturais.

O principal é conscientizar que se a gente não cuidar vai prejudicar a nossa vida mesmo. Ensinar a ter mais contato e valorizar mais os animais, as árvores, os recursos que a natureza nos fornece. São coisas que a gente não pode repor.

5.3 Entrevista com a equipe das escolas

5.3.1 A relação da escola com o Projeto

As entrevistadas disseram ser o Guarda Florestal Mirim, o primeiro projeto com o qual suas escolas participaram junto ao Parque. Kátia Baltar e Roberta⁴¹ não conseguem descrever o Projeto, por falta de informações. O que sabem é o que ouvem nos corredores da escola.

A gente pega um relato ou outro, mas solto. Eles contam as atividades de lá...mas nossa representatividade é pequena. São só três alunos. (Kátia Baltar)

Roberta afirma não saber absolutamente nada.

⁴¹ Das três, apenas Adília conhece o Parque. Disse morar a muitos anos no bairro.

O que sei é porque estou sempre perguntando pras crianças [...] Passeio, formatura, o que aparece, o que está visível eu fico sabendo. Agora, o que acontece lá dentro não tenho conhecimento não.

No entanto, esta orientadora, ao contrário das demais, identifica a falta de articulação entre a escola e o Parque como a razão para esse desconhecimento:

Nós nunca fomos chamados pra uma palestra, discussão, envolvimento. Seis alunos vão pra lá, mas não vejo retorno. Acho que algum professor tinha que estar lá pra coisa funcionar. Funciona de forma isolada. Nesse tempo que estou aqui, em nenhum momento falei com alguém do Parque. Não os procurei porque tenho outras demandas, mas também não foi oportunizado por eles esse contato.

Reforçando o que anteriormente foi mencionado quanto à credibilidade que a parceria com a Petrobrás dá ao Projeto, Adília o define assim:

Sei que é uma parceria com a Petrobrás que eles iam investir aqui no Parque na preservação, até porque, eles são uma empresa muito poluente e investem como compensação.

Segundo ela a idéia do projeto é de conscientizar as crianças que eles têm que preservar e visa preparar as crianças pra serem agentes transformadores e divulgadores. Ela atribui ao Projeto a melhoria na preservação do Parque e o confunde com sua gestão.

Esse Parque era aberto, tinha um guarda mas ele não tinha força, a lembrança que tenho do Parque antes do Projeto era o lixo, muito despacho. Hoje não tem mais mau cheiro, tem mais guardas. Eu acho que o Projeto ajudou nisso.

Penso que essas afirmações se devem ao fato de o Projeto estar se mostrando como uma marca da atual administração do Parque pela qual ele foi implantado. Como já foi apontado, é relevante a divulgação que o Parque tem tido em consequência da exposição do Projeto na mídia. Isso também é possível de ser notado nas observações diretas empreendidas no PNMT. Há uma grande mobilização dos funcionários do Parque em conduzir esse projeto, tanto que todos eles estão envolvidos de alguma forma nas atividades do Projeto, sem falar nas cinco pessoas contratadas especialmente para trabalhar nele.

5.3.2 Reflexos do Guarda Florestal Mirim na escola

Nenhuma delas identifica uma influência ou mudança na escola a partir da sua participação no Projeto. Os exemplos citados se referem a mudanças individuais, principalmente no que se refere a auto-estima, sem reflexão no cotidiano escolar. Para Kátia Baltar, o que mudou devido ao projeto foi:

A auto-estima da criança, mas a representatividade é pequena, pra dizer que atingiu a todos. Eu acho que tem que ter continuidade pra atingir mais.

Os pais estão muito participativos quando são convocados⁴² pela equipe do Parque. Se tiver que chegar cedo pra algum evento do Guarda, eles (os alunos) chegam arrumadinhos, muda até os hábitos da criança. Eu percebo a euforia deles... não sei como são em sala de aula. (Adília)

Roberta acredita que a empolgação das crianças com o Projeto, de certa forma, motiva sua frequência na escola e ajuda na aprendizagem de cada uma.

Tem que ter a frequência na escola pra participar lá. Eles têm a preocupação em perder essa vaga. É bom pra eles na questão do compromisso, comportamento, disciplina, o que ajuda na aprendizagem da criança. Agora, aparecer a questão ambiental não vejo.

Esta orientadora não espera que dos seis alunos que participam do Projeto um impacto maior na escola:

Os benefícios estão isolados nessas 6 crianças. Questões desenvolvidas fora da escola e que tiram da escola e que não vão pra dentro da escola não dão certo. Pode até dar certo, mas o potencial se perde.

5.3.3 A relação escola - PNMT

Certamente uma Unidade de Conservação contém muitos aspectos que podem ser explorados pela escola. No sentido de compreender como dá essa articulação, foi perguntado

⁴² Convocados para a primeira reunião no Parque, para levar seus filhos a eventos, como numa homenagem feita à diretora na Câmara Municipal, e para levar as crianças cedo aos pontos de encontro.

se a proximidade com o PNMT auxilia de alguma forma o trabalho das escolas, mais especificamente no que diz respeito à EA.

Kátia e Roberta colocaram que não é do conhecimento delas que esse espaço tenha sido utilizado pela escola. Adília afirma que uma professora, numa iniciativa individual, chegou a levar sua turma para uma visita guiada e que, no início deste ano, sua escola promoveu um grupo de estudos nas dependências do Parque.

Roberta diz que o Parque apesar de próximo à escola não é utilizado devido à falta de comunicação entre seus gestores e a escola e devido à não sistematização da escola de um projeto de EA.

Escuto mais na Unigranrio (outro local de trabalho de Roberta) sobre o Parque do que a escola que fica aqui no lado. A escola é muito viva, mas nos falta orientação pra desenvolver um projeto nessa área. Quando alguém se capacitar, aí sim, vamos elaborar um projeto e vamos buscar parcerias e provavelmente vamos entrar em contato com o Parque e utilizar melhor esse espaço.

Também desconhecem qualquer convite e/ou participação na gestão dos projetos de EA do Parque.

5.4 Educação Ambiental nas escolas

5.4.1 O espaço da EA nas escolas

A equipe e professores das escolas visitadas afirmaram desenvolver a EA como tema de um dos projetos bimestrais. Todas definiram esse tema na reunião de planejamento⁴³ do início do ano entre professores e equipe pedagógica.

Adília aponta também um projeto da horta como de Educação Ambiental e acredita que com crianças do primeiro segmento da educação não se pode aprofundar o tema:

A gente trabalhou no primeiro bimestre, mas não no dia a dia, todos os dias. Até porque aqui é do pré (escolar) à quarta série, então a gente não pode se aprofundar tanto.

⁴³ As escolas da Prefeitura de Duque de Caxias têm no início do ano, uma semana dedicada ao planejamento anual.

No entanto, se contradiz ao afirmar em outro momento, que a idéia do Projeto Guarda Florestal Mirim é boa devido ao fato de preparar crianças, que segundo ela é grupo com capacidade de influenciar os adultos, para serem agentes transformadores.

[...] tem que trabalhar desde pequeno pra poder ter mais tarde um resultado.
(Adília)

Uma das falas da orientadora Roberta retrata a realidade de todas as escolas, apresentada nas falas das professoras:

Cada sala de aula foi desenvolvendo o seu conteúdo a partir daquele tema (aquecimento global). Cada professor tem autonomia; mas não vejo como um projeto que envolva a escola como um todo. É entendido mais como um tema que como um projeto. A escola estava envolvida, mas de forma isolada. (informação verbal)

As escolas não possuem um acervo significativo sobre Educação Ambiental. Segundo Roberta da E.M Barboza Leite, a escola deve possuir uns dez livros paradidáticos. A orientadora da EM Almirante Tamandaré, acredita que na escola haja uns dvd's sobre a questão ecológica, mas não sabe se os professores fazem uso deles. Na E.M Prof^a. Maria Araújo não citaram material algum.

Vale ressaltar que todas as três escolas realizaram uma “Caminhada Ecológica” no entorno da escola como culminância dos seus projetos.

5.4.2 A formação docente em EA

As escolas não participaram, nem têm conhecimento de cursos ou palestras promovidos pela Secretaria Municipal de Educação. No âmbito da escola, segundo Adília, a escola Prof^a. Maria Araújo promoveu um grupo de estudos sobre o meio ambiente no qual assistiram ao filme *Uma verdade inconveniente*.

Neste ano a escola Barboza Leite foi convidada pelo Núcleo de Educação Continuada da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense a participar de um curso de extensão para capacitar professores para a criação de projetos na área do meio ambiente. Uma professora chegou a participar do curso de elaboração de projetos em EA, mas não sabe afirmar se o curso terá continuidade. Conforme já observado acima, para sua orientadora esta escola só

desenvolverá um projeto nessa área a partir da capacitação de um professor e de uma orientação de alguém mais especializado na área.

Não é porque a gente não valoriza o meio ambiente, é até por falta de esclarecimento mesmo. Como agente vive numa comunidade que tem diversas outras faltas, acabamos dando prioridade àquelas que têm mais impacto no processo de aprendizagem.

5.4.3 Reflexos da EA das escolas.

Quando perguntados se era possível perceber mudanças no cotidiano da escola e comunidade em decorrência da EA, nenhuma escola fez qualquer apontamento de mudança. Kátia Baltar disse apenas que os professores relatam que as crianças ficam conversando sobre o que foi conversado sobre meio ambiente em sala de aula.

Na consulta feita aos alunos para que dissessem o que aprenderam na escola sobre a forma como deve ser sua relação com o meio ambiente, Ana Paula e Pedro disseram não ter aprendido muita coisa:

Aqui nunca ninguém falou nada disso não. Só lá no Parque (Pedro)

Aqui a gente aprende poucas coisas, porque as nossas matérias são Português, Matemática, Ciências, História e Geografia. Aqui a gente vê os funcionários limpando, se alguém tirar as folhas das plantas a diretora chama atenção. (Ana Paula)

Jorge dá mais exemplos:

Coisa básica: não jogar lixo no chão, preservar a água, não deixar a torneira aberta, quando passar o chuveiro pro quente desligar o chuveiro primeiro a aí sim passar pro quente pra não dar choque.

5.5 Entrevista com a Equipe do Projeto Guarda Florestal Mirim

5.5.1 A espaço da EA na gestão do Parque

Primeiramente buscamos saber qual o papel que a EA desempenha no PNMT. Para a diretora do Parque, a EA é uma das vocações e a missão do Parque e sem a qual não será

possível garantir a preservação do Parque. O coordenador do Parque prefere chamar de *conscientização ambiental* e diz:

Todo o nosso trabalho é voltado pra EA. Não tem nenhuma atividade aqui no Parque que não seja visando a EA, porque nossa função é preservar o meio ambiente e preservar o meio ambiente é Educação Ambiental.

A posição do biólogo vai de encontro às afirmações do grupo. Chama a escola à responsabilidade e não acredita que esse seja o objetivo de uma UC, e sim a própria conservação e o investimento na área de pesquisa pra se ter um conhecimento total da Unidade. Ele colocou uma idéia que surgiu na equipe quando estavam elaborando o Projeto (mas que não foi sistematizada) que era de percorrer as escolas com um grupo de voluntários, com o objetivo de que as pessoas conhecessem melhor o Parque e de fomentar a EA nas escolas⁴⁴.

Para mim a Educação Ambiental tem que partir das escolas. A escola é o ponto forte. O Parque está aqui pra complementar os trabalhos dos professores. Não adianta trabalhar EA só dentro de uma UC e as escolas não trabalharem, pois aqui temos uma clientela muito pequena, aqui não deve virar um escolão. Para mim a idéia de EA é fazer dentro da UC que haja uma interação bastante interdisciplinar. Que as escolas trabalhem EA e que a UC se torne um apoio.

O professor Milton expressa o contrário, segundo ele, o Guarda Florestal Mirim vem a suprir uma ineficiência da escola nessa área.

Na sala de aula o máximo que o professor trabalha é em junho na semana do meio ambiente e educação ambiental é algo que tem que estar na sua rotina diária. E para alunos e professores daqui do entorno essa proposta é interessante porque será trabalhado seis meses e não só uma aula ou duas, e os que se formam não saem daqui, voltam para fazer reciclagem⁴⁵.

Do mesmo modo, para Leandro a EA é algo que deva ser massificado na mente das pessoas para que haja uma mudança de hábitos.

O grande macete é ter sempre alguém falando. Assim nós conseguimos com que aquilo fique na mente da pessoa. Você só decora uma coisa se você ficar com contato direto. A EA é a mesma coisa. Tem que ficar sempre falando, falando... a pessoa automaticamente vai fazer.

⁴⁴ Nenhuma outra pessoa da equipe mencionou a idéia dessa iniciativa.

⁴⁵ Segundo a equipe do Projeto, apenas quatro alunos da primeira turma continuaram participando da segunda turma.

Ou seja, segundo esta concepção, o processo de conscientização ambiental parece nada ter de conscientização. É um ato mecânico, automático, quase irracional. Não é sequer condicionador de atitudes.

5.5.2 Expectativas com o Guarda Florestal Mirim

A diretora do PNMT e o professor esperam que os alunos sejam multiplicadores de uma nova consciência ambiental que os levará a ter cuidado com o meio ambiente em torno de si e especialmente na UC. A diretora crê que a EA tem uma data marcada para iniciar (os primeiros anos escolares). Atribui assim a EA a grupos institucionalizados desconsiderando os saberes e a influência na formação do indivíduo dos espaços da vida cotidiana que também são educativos.

O biólogo espera que as crianças um dia sejam monitoras⁴⁶ para os visitantes, mas acha pouco provável que isso ocorra devido a pouca idade dos alunos. Sonha em um dia ver um trabalho com adolescentes.

Que eles saíssem da rua e viessem ao Parque nos finais de semana ou dias de folga mostrando o que é a Unidade, porque ela é importante, etc.

5.5.3 A avaliação do Projeto pela equipe

Vera diz que todos os objetivos previstos foram atingidos e que estão exercendo sua função de multiplicadores nas suas casas e que as escolas não se cansam de falar da mudança de atitudes das crianças e que há reuniões periódicas entre a direção das escolas e pais dos alunos.⁴⁷ Nelson relata que as escolas estão trabalhando mais com EA motivadas pelo Guarda Mirim e que uma menina através das suas de primeiros socorros identificou que a mãe estava com problema na pressão arterial e ajudou chamando socorro. Cita também, como não poderia deixar de ser, os efeitos da disciplina que o Projeto imprime:

e as mães nos contam que as crianças rebeldes estão melhores, alguns melhoraram muito em casa o comportamento.

⁴⁶ Esse objetivo apesar de expresso no projeto, não é buscado na prática.

⁴⁷ Através das informações coletadas nas entrevistas não é possível confirmar essa afirmação.

5.5.4 O entendimento de natureza e meio ambiente

A diretora e o professor concebem meio ambiente como todo lugar e ambiente em que o aluno está inserido. Segundo ela, ao trabalharem esses conceitos com os alunos são levantadas questões éticas como consumismo e tratamento dado ao lixo. Ele acredita que atitudes “ecologicamente corretas” dos indivíduos no seu micro ambiente (quarto, casa) são capazes de promover mudanças no atual quadro de degradação ambiental da sociedade.

Do micro pro macro, colocando no aluno essa consciência de que, mudando suas atitudes no seu ambiente ele vai mudar tudo, todo esse ambiente.

O ser humano não está incluído na concepção de natureza de nenhum dos entrevistados, que a vêem restrita ao meio biológico. Ele é citado como um agente externo que vem atuando na natureza de modo inconstante, prejudicial a ela.

O biólogo tem uma visão religiosa da natureza.

O biólogo é o único que consegue falar com Deus, pois é o único que vive na natureza, natureza é vida e Ele está presente nas árvores, nos animais.

Para a diretora o trabalho com as crianças serve para que eles não cometam os mesmos erros que os adultos quando crescerem. Parece com essa afirmativa, desconsiderar ou não se dar conta de que as crianças também podem exercer impactos sobre a natureza.

CAPÍTULO 6

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No trabalho realizado pode-se perceber que a EA é utilizada para reforçar o caráter reprodutor da escola e da sociedade. Assim, acaba por ser tornar mais impeditivo da participação e/ou envolvimento das crianças no Parque do que o oposto. Ao invés de propiciar às crianças através dos conhecimentos adquiridos e contato direto com o Parque, uma relação mais estreita entre este e elas culminado na garantia de sua preservação, nota-se uma hierarquização de saberes que deve ser respeitada à custa de sanções. Enquanto que, ao contrário, uma ação pedagógica de caráter crítico:

Potencializa o surgimento e estimula a formação de lideranças [...] busca a articulação dos diferentes saberes e exercita a construção do sentimento de pertencimento ao coletivo, ao todo representado pela comunidade e pela natureza. (GUIMARÃES, 2004, p.31)

Há uma disciplinarização das atitudes diante da natureza, mas os instrumentos/saberes que tornam disponíveis para as crianças são aprendizados que se tornam fontes de poder, uma vez que a idéia é de que a natureza/floresta é tida como um lugar sem regras sociais postas. Assim, saber usar o rádio, saber socorrer, saber cuidar de si mesmo, identificar plantas venenosas, exerce nas crianças uma certa fascinação. Então, não se trata apenas de coerção e disciplina.

Também não se pode ficar desatento ao fato de que os “conteúdos” apresentados anteriormente são facilmente mensuráveis podendo assim quantificar a competência de um órgão gestor no qual foi depositada uma “confiança” no investimento feito.

Dado a não continuidade do trabalho com os alunos não é possível vislumbrar sequer uma ação conservacionista destes sobre o Parque e uma disseminação desses conhecimentos para a comunidade freqüentadora dele. É importante destacar que mesmo estando numa UC eles não se dão conta de que é um Parque Natural, fruto de uma construção social. A natureza é vista como uma entidade abstrata, quando se está em pleno Parque. Isso se reflete na falta de conteúdo sobre esse território, indo de encontro ao objetivo exposto pela gestão do Parque de que os alunos se tornassem orientadores dos visitantes.

Outro objetivo do Projeto presente também na fala dos profissionais da escola, assim como no projeto escrito de que os alunos sejam multiplicadores de uma nova consciência

ecológica, nada foi relatado ou observado nesse sentido. Não houve um salto qualitativo ficando a questão ambiental reduzida a uma dimensão meramente técnica e natural. Conforme apontado por Lima (1994) essa visão parcial e reduzida da realidade favorece uma compreensão despolitizada e alienada dos problemas ambientais na medida em que oculta seus motivos políticos e a inevitável conexão entre suas múltiplas dimensões.

Os benefícios e conhecimentos que os alunos possam ter adquirido fica restrito nas suas pessoas, na sua ação individual perdendo seu potencial multiplicador, ao passo que não é buscada uma construção coletiva de superação dos problemas ambientais postos nas suas comunidades. Isso é percebido na não-repercussão no espaço escolar do trabalho que com elas é realizado no Parque. A escola é vista como um mero canal de “escolha de crianças” inteligentes e disciplinadas.

A escola não tem sequer a oportunidade de reforçar um possível aspecto multiplicador do Projeto tendo em vista que não há canal de participação que propiciem um envolvimento real entre o Parque e a escola. Apesar de um desconhecimento quanto ao que de fato seja o Projeto, a sua veiculação na mídia, a aparição dos guardas mirins em eventos promovidos pela Prefeitura e principalmente sua parceria com a Petrobrás, dá uma credibilidade ao Projeto tal, que é possível observar que existe uma idealização em relação ao Projeto. Esse patrocínio dá uma legitimidade vazia ao Projeto, enquanto que, a legitimidade real se daria numa relação com a escola e com o cotidiano vivido do Parque – espaços privilegiados para a ação multiplicadora.

As escolas por sua vez ainda não incorporaram a EA em sua prática cotidiana. Há temas pontuais trabalhados isoladamente no ano (como o tema para um bimestre), e isolados da realidade da comunidade e da própria escola; ficando esta integração restrita ao momento culminância dos projetos. Cabe a outros trabalhos acadêmicos investigar melhor os fatores impeditivos das escolas em desenvolverem uma EA que seja baseada no diálogo, através de um espaço escolar que seja um meio para a construção coletiva de ações que tenham de fato um significado para os que nela estão inseridos, possibilitando a instauração de novas relações entre a sociedade e seu meio ambiente.

O estudo desse caso não pretende, nem deve ser tomado como um retrato da relação entre a EA Formal e Não-Formal. Outros casos, outras experiências em curso no Brasil merecem a atenção em outras pesquisas, no entanto as conclusões do estudo aqui realizado, nos coloca diante da necessidade da busca pela compreensão dos objetivos da EA desenvolvida nas UCs, espaço inerentemente conflitivo em interesses.

REFERÊNCIAS

BRÜGGER. P. **Educação ou adestramento ambiental?** Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1994.

BRASIL. Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. Brasília, 19 jul. 2000, p. 1.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa parâmetros em ação, meio ambiente na escola: guia do formador.** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC; SEF, 2001. 426 p.

CARVALHO, I. C. de M. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico.** São Paulo: Cortez, 2004(a).

_____. **Educação Ambiental Crítica: nomes e endereçamentos da educação.** In: Identidades da educação ambiental brasileira / Ministério de Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental; Philippe Pomier Layrargues (coord.). Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004(b).

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**, 18ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

GUIMARÃES, M. **Educação Ambiental Crítica.** In: Identidades da educação ambiental brasileira / Ministério de Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental; Philippe Pomier Layrargues (coord.). Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.

IBAMA. **Diretrizes para operacionalização do Programa Nacional de Educação Ambiental.** Brasília: Edições IBAMA, 1995.

LAYRARGUES, P.P. **A crise ambiental e suas implicações na educação;** In: Quintas, J.S (Org) **Pensando e praticando educação ambiental na gestão do meio ambiente.** 2ª ed. Brasília: Edições IBAMA, 2002.

_____. **A resolução de problemas ambientais locais deve ser um tema gerador ou uma atividade-fim da educação ambiental?** In: Verde cotidiano: o meio ambiente em discussão / Marcos Reigota (org.) – Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 2ª edição

LEFF, E. **Educação ambiental e desenvolvimento sustentável.** In: Verde cotidiano: o meio ambiente em discussão / Marcos Reigota (org.) – Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 2ª edição

LIMA, G. F. da C. **Educação, Emancipação e sustentabilidade**: Em defesa de uma pedagogia libertadora para a educação ambiental. In Identidades da educação ambiental brasileira / Ministério de Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental; Philippe Pomier Layrargues (coord.). Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.

LOUREIRO, C. F. B. **Educação ambiental e conselho em unidades de conservação**: aspectos teóricos e metodológicos / Carlos Frederico B. Loureiro, Marcus Azaziel, Nahyda Franca. – Ibase: Instituto TerrAzul: Parque Nacional da Tijuca, 2007

_____. **Educação Ambiental Transformadora**. In Identidades da educação ambiental brasileira / Ministério de Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental; Philippe Pomier Layrargues (coord.). Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A.. **Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1988. 99 p.

PÁDUA, M. T. J. **Sistema Brasileiro de Unidades de Conservação: De onde viemos e para onde vamos?** Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação. Anais. Curitiba: IAP:UNILIVRE: Rede Nacional Pro Unidade de Conservação, 1997) 2v.

ECP-Consultoria e projeto Ltda. Junho de 2000. **Plano de Manejo do Parque Natural Municipal da Taquara**,

QUINTAS, J. S. **Educação no processo de gestão ambiental: uma proposta de educação ambiental transformadora e emancipatória**. In Identidades da educação ambiental brasileira / Ministério de Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental; Philippe Pomier Layrargues (coord.). Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004

REIGOTA, M. **Meio ambiente e representação social**. São Paulo: Cortez, 1998, p. 11-15.

_____. **Verde cotidiano: o meio ambiente em discussão** / Marcos Reigota (org). Rio de Janeiro: DP&A., 2ª edição, 2001

SAUVÉ, L. **Educação ambiental: possibilidade e limitações**. In: Educação e Pesquisa, v.31, n. 2, p. 317-322, maio/ago. 2005

_____. **Uma cartografia das correntes em educação ambiental**. In: Educação Ambiental: pesquisa e desafios / Michele Sato, Isabel Cristina (orgs.). Porto Alegre: Artmed, 2005.

URBAN. T. **Do fogo de Prometeu ao temor do CO2: A longa história da exploração da natureza pela humanidade.** In: Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação. Anais. Curitiba: IAP:UNILIVRE: Rede Nacional Pro Unidade de Conservação, 1997, 2v.

VASCONCELOS, J. **Trilhas interpretativas: aliando educação e recreação** In: Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação. Anais. Curitiba: IAP:UNILIVRE: Rede Nacional Pro Unidade de Conservação, 1997, 2v.

VELLOSO, C. S. **Educação Ambiental na rede pública do município do Rio de Janeiro: Concepções, problemas e desafios.** 2006. 191f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.

VENDRAMETTO L.. P. **Educação Ambiental em Unidades de Conservação: um estudo de caso na Área de Proteção Ambiental de Sousas e Joaquim Egídio.** 2004. 108f. Dissertação (mestrado em recursos florestais)-Universidade de São Paulo. Piracicaba, 2004.

Outras referências:

BV/NEC. Disponível em: <<http://www.bvneec.uerj.br/>>. Acesso em 10 de setembro de 2007.

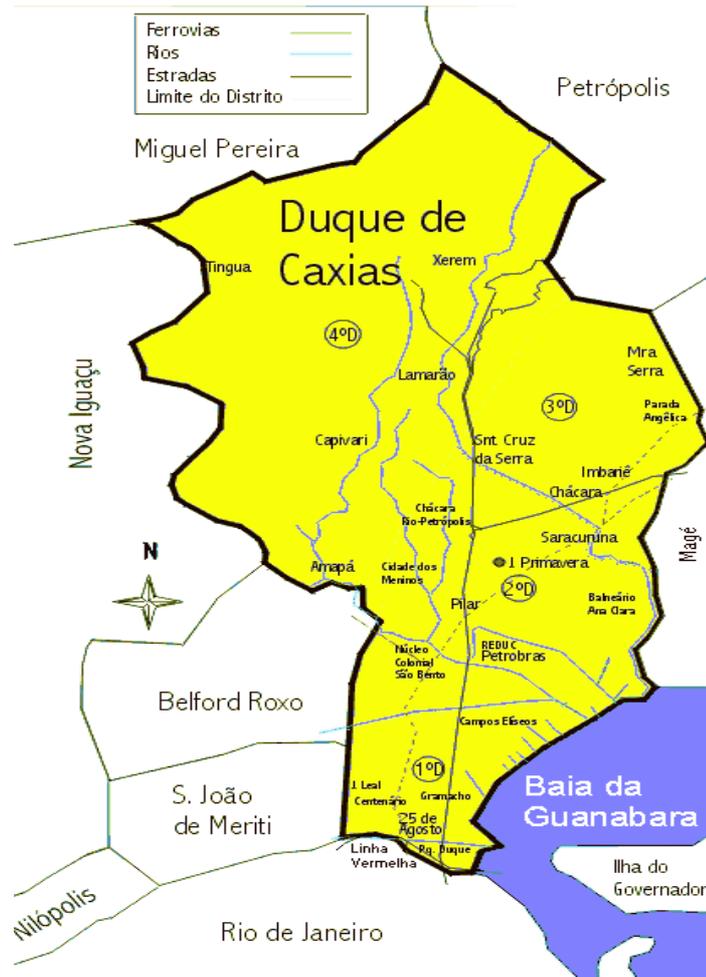
Site oficial da Prefeitura de Duque de Caxias. Disponível em: <<http://www.duquecaxias.rj.gov.br/>>. Acesso em: 08 de outubro de 2007.

Site de busca:

http://www.webbusca.com.br/pagam/duque_caxias/duque_caxias_mapas.asp Acesso em: 26 de novembro de 2007

ANEXOS

ANEXO A- Mapa de Duque de Caxias com a divisão por distritos



Fonte: www.webbusca.com.br

ANEXO B - Fotos do Parque Natural Municipal da Taquara



Foto 1



Foto 2



Foto 3

Fonte: fotos da autora

ANEXO C



Foto 1- Assinatura do Convênio entre a Prefeitura de Duque de Caxias, a Petrobrás e a Ong Iquavi (fonte: www.duquedecaxias.rj.gov.br)



Foto 2- Cartaz afixado nas escolas integrantes do Projeto (foto da autora)

ANEXO D- Fotos ilustrativas de atividades do Projeto Guarda Florestal Mirim (fotos da autora)



Foto 1



Foto 2



Foto 3

ANEXO E – Roteiro das entrevistas Semi-Estruturadas

ENTREVISTA COM A EQUIPE DO PARQUE NATURAL MUNICIPAL DA TAQUARA

- 1- Nome, função e tempo de exercício no cargo:
- 2- Tem formação e experiência na área de gestão ambiental?
- 3- Poderia fazer um breve histórico da formação do Parque?
- 4- Qual o papel que a Educação Ambiental desempenha nesta unidade de conservação? Por quê?
- 5- Quando surgiu o Projeto Guarda Florestal Mirim? De quem partiu essa iniciativa de desenvolver aqui este projeto? Quem escreveu o Projeto? Ele permanece na mesma perspectiva ou ocorreram mudanças?
- 6- Atualmente qual é a equipe do projeto e a quanto tempo trabalha no projeto?
- 7- E o que vocês esperam com o projeto Guarda Florestal Mirim?
- 8- Quais são os objetivos previstos no Projeto do Guarda Mirim?
- 9- Quem elaborou a cartilha e os outros materiais utilizados pelas crianças no projeto Guarda florestal? E quais indicações bibliográficas e materiais didáticos, foram utilizados como base para sua elaboração?
- 10- Por que trabalhar com as escolas do entorno? O que vocês esperam desta instituição?
- 11- Segundo o resumo do projeto os alunos devem ter entre 7 e 14 anos. Com base em que critérios foi definido a faixa etária dos alunos? E quais são os critérios pré-estabelecidos, que faz menção o Projeto original, que as escolas utilizaram para a escolha dos alunos que participaram do projeto?
- 12- Vocês já possuem algum resultado concreto do projeto Guarda Mirim? E como vocês avaliam o projeto? Nessa primeira etapa todos os objetivos foram atingidos?
- 13- Existe alguma proposta de trabalho com os alunos que concluíram o curso?
- 14- Houve momentos durante o projeto de integração e colaboração entre as escolas e o Parque? Foi realizado algum trabalho ou atividade em comum?
- 15- Além do Projeto Guarda Florestal Mirim vocês desenvolvem outros projetos de Educação Ambiental? Quais?
 - Se houver, qual o objetivo desses “outros projetos”?
 - Que avaliações vocês fazem desses projetos?

16- Pelo que eu pude apurar anteriormente, nem todas as escolas preencheram todas as vagas destinadas a elas. À que vocês atribuem isso? As escolas justificaram o porquê do não preenchimento das vagas?

17- De acordo com o projeto original, no primeiro semestre os alunos seriam do terceiro distrito (e aconteceu assim) e nesse segundo semestre seriam destinados aos do 2º distrito, porque então abrir vagas novamente pra alunos do 3º distrito também?

18- Vocês pedem às escolas que preparem de alguma forma (explicar o que é o PNMT, o que é esse projeto, sobre unidade de conservação, avaliar suas expectativas, motivá-los, etc.) os alunos escolhidos antes do primeiro dia de curso aqui no Parque?

19-Como vocês interpretam os conceitos de meio ambiente e natureza? E como foram trabalhados tais conceitos com os alunos?

20-Há um Conselho Gestor do Parque? Se houver, há a participação da instituição escola no Conselho? De que modo se dá essa participação?

21- Já viram resultados concretos do projeto? Resultados pras escolas...pros alunos...

ENTREVISTA COM OS ALUNOS

1- Escola:

2- Nome e idade:

3- Ano de escolaridade:

4- Entre tantos colegas, por que você acha que foi o escolhido para participar do Guarda Florestal Mirim?

5- Fale sobre o Projeto.

6- O que você mais gosta no Projeto e por quê?

7- De tudo o que você aprendeu lá, o que você considera mais importante e por quê?

8- O que mudou na sua vida depois que você participou do Projeto?

9- O que você pensa que poderia ser melhor no Projeto? Por quê?

10- Você sabe o que significa um arque Natural e/ou Unidade de Conservação?

11- Qual a importância do Parque Natural Municipal da Taquara?

12- Porque é importante preservar, cuidar do meio ambiente?

- 13- Como vocês do Projeto devem agir quando estão no Parque?
- 14- E você, quando está lá dentro tem mais preocupação com o meio ambiente do que quando está aqui fora? Há algo que você faz aqui que lá não faz?
- 15- O que você sabe dizer sobre EA?
- 16- O que você aprendeu na escola sobre EA?

ENTREVISTA COM PROFESSORES DOS ALUNOS ENTREVISTADOS

- 1-Escola:
- 2-Nome:
- 3-Sua formação:
- 4- Nome do seus alunos que participaram do Projeto:
- 5- Fale sobre o Projeto Guarda Florestal Mirim.
- 6-Você participou do processo de escolha do aluno para participar do Projeto? Com que critérios você escolheu? Pensou em outros possíveis?
- 7-Observando o seu aluno percebe resultados concretos do Projeto? Dê exemplos.
- 8-No dia a dia da sala de aula qual é o nível de interesse do aluno em relação ao projeto, seus comentários...
- 9-Para você, o que significa e qual o objetivo da EA?
- 10- Se sua escola tem um projeto de EA fale um pouco sobre ele.
- 14- A escola ou Secretaria de Educação promoveu algum grupo de estudos acerca do tema EA para os professores? Se você participou, fale um pouco sobre esse estudo.
- 15-Têm um tema especial relacionado à questão ambiental que você dá preferência no trabalho com seus alunos? A realidade deles exige algum tema especial?

ENTREVISTA COM A EQUIPE DAS ESCOLAS

- 1-Nome:
- 2-Função na escola:

- 3-A escola desenvolve Educação Ambiental? Por meio de que ela é exercida? (*É DESENVOLVIDA POR MEIO DE INSERÇÃO NO P.P.P, DISCIPLINA ESPECIAL, DISCIPLINA ESPECÍFICA, PROJETOS, DATAS E EVENTOS SIGNIFICATIVOS...?*) O que motiva a escola a fazer EA? Qual seu objetivo?
- 4- Que material sobre a educação ambiental a escola possui e como ele é/foi utilizado?
- 5- (em caso afirmativo da escola desenvolver a EA) Que pessoas os projetos de EA envolvem?
- 6- Os professores da escola têm oportunidade de freqüentar cursos ou palestras de EA? Em caso afirmativo, vocês poderiam apontar o mais significativo no ano de 2007?
- 7- É possível perceber mudanças no cotidiano da escola e da comunidade em decorrência da EA? Quais?
- 8- A escola participa e ou participou de um projeto junto ao PNMT chamado ... Como era o projeto. Que pontos vocês destacariam?
- 9- Você percebeu alguma influência/ mudanças na escola a partir do Projeto Guarda Florestal Mirim? Quais?
- 10-A existência de um Parque aqui na proximidade da escola auxilia de alguma forma na EA da escola?
- 11-A escola tem participação na gestão dos projetos de EA do Parque? Se tiver, como ela acontece?